REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES

VOLUME 4
NÚMERO 8
2023
AGOSTO

ISSN: 2764-8133

ESTUDOS TRANS VIADES ESTUDOS

ENTRE TRAÇOS E ASSINATURAS:
EXPRESSÕES E NARRATIVAS TRANSVIADAS

A imagem da capa se inicia com um fundo azul, na parte superior, sobre a qual se lê "Revista Estudos Transviades, volume 4, número 8, 2023, agosto, ISSN 2764-8133". No canto esquerdo superior, há um pequeno símbolo redondo e preto, sobre o qual se lê, em letras azuis e rosas, "estudos transviades". No centro da página, sobre um fundo branco, há um desenho de um livro aberto. Em sua capa, está escrito, com letras vermelhas e rosas, "Caras Trans" e Trans sexual", entre desenhos de uma boca, dois olhos e seios. Na parte inferior da página, há uma barra azul, sobre a qual se lê, em letras pretas, "Entre traços e assinaturas: expressões e narrativas transviadas".

Trata-se de uma imagem de autoria de João Liu, nomeado "REVISTA-CARAS, CARAS-TRANS", que pode ser encontrada na íntegra na página de número 92.

2023
V. 4 // N. 8

Todas as edições da Revista Estudos Transviades podem ser encontradas nos seguintes endereços eletrônicos:

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 4

ISSN: 2764-8133

ESTUDOS TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 9

A Revista

A Revista Estudos Transviades surge em 2020, no Rio de Janeiro, como uma iniciativa para criar um espaço de acolhimento e divulgação de produções de pessoas transmasculinas. Pensamos um espaço que abarque os diversos atravessamentos das transmasculinidades. Por isso, repudiamos qualquer manifestação de racismo, LGBTQIfobia, machismo, xenofobia, capacitismo, gordofobia, classismo. Esta revista se destina a todes que quiserem conhecer a amplitude das transmasculinidades fora de uma lente cisnormativa e patologizante.

Com isso, procuramos tornar essa revista um espaço de inclusão, e não de exclusão de corpes não-bináries transmasculines. Recebemos produções acadêmicas, literárias e artísticas de todas as pessoas que se identificam como transmasculinas, em sua diversidade de sexualidade, expressão, religiosidade. Propomos um espaço de trocas e produção de conhecimento, livre de demandas academicistas.

ISSN: 2764-8133

Quer enviar seu material para a revista ou citar a gente?

1) Não nos limitamos a artigos acadêmicos. Qualquer tipo de produção pode ser enviada (artigos, ensaios, relatos de experiência, prosas, poesia, textos livres, desenhos, pinturas, fotografias, etc.). No que diz respeito a produções escritas, privilegiamos aquelas que discorram sobre transmasculinidades e vivências relacionadas.

2) Para fins de organização, recomendamos que os textos sigam o seguinte formato: folha com dimensões A4; margem tamanho Normal; fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1.5.

2.1) Os materiais serão formatados diretamente pela equipe da revista, sem consulta prévia ao autor.

3) As produções devem ser enviadas pelo preenchimento do formulário. Caso haja dificuldades no preenchimento do formulário, deve-se entrar em contato conosco por e-mail.

4) Aceitamos produções escritas somente em formato Word (doc. ou docx.) e imagens em JPG ou PNG. Atente-se para que as imagens estejam em 300 dpi.

4.1) Enviem imagens nomeadas e, se possível, legendadas com a ficha técnica. As legendas devem seguir o seguinte formato: nome de/o autor/e, título da obra, ano que foi produzida, técnica utilizada, tamanho".

5) Não aceitamos materiais em formato PDF. Se tivermos dificuldade para abrir o arquivo, entraremos em contato.

6) Propomos um máximo 25 páginas de texto (sem contar com referências bibliográficas, notas etc.) e não há mínimo de páginas.

Qualquer reprodução ou citação dos materiais dispostos nesse número deve estar acompanhada da menção da fonte de(s) autore(us) e da revista.

Para referenciar os materiais dispostos nesse volume, especialmente os artigos acadêmicos, pode-se usar como base o seguinte exemplo:

SAMPAIO, Alexandre Gregório Silva. Ginecologia: um espaço clínico específico para mulheres (?) Impasses e desafios para a saúde ginecológica dos homens trans. Revista Estudos Transviades, ano 3, n. 6, set. 2022. Disponível em: ________ Acesso em: (data de acesso).

Equipe Transviades

BRUNO LATINI PFEIL
COFUNDADOR E COORDENADOR

Graduado em Psicologia (USU/RJ). Graduando em Antropologia (UFF). Pós-graduando em Psicanálise e Relações de Gênero: Ética, Clínica e Política (FAUSP). Mestrando em Filosofia (PPGF/UFRJ). Coordenador da Revista Estudos Transviades.

CELLO LATINI PFEIL
COFUNDADOR E COORDENADOR

Professor Substituto do Dpt. ds Ciência Política da UFRJ. Doutorando em Filosofia (PPGF/UFRJ). Especialista em Teoria Psicanalítica Freud-Lacaniana (CEPCOP/USU). Coordenador do Núcleo de Pesquisas do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT). Pesquisador do Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias (CPDEL/UFRJ). Editor da Revista Estudos Libertários, da Revista de Estudos Anarquistas e Decoloniais e da Revista Ítaca (UFRJ).

NICOLAS PUSTILNICK
COFUNDADOR E COORDENADOR

Psicólogo (CRP: 05/71942) formado pela UFRJ. Especializando pelo instituto IPPERG. Pesquisador pelo grupo BAFO!. Colaborador do CRP-RJ.

THÁRCILO LUIZ
COFUNDADOR E COORDENADOR

Granduando em psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro Coordenador. Responsável pela revisão e avaliação de materiais.

DANIEL DE BRITO
COLABORADOR E REVISOR PARECERISTA

Bacharel de Direito e pesquisador em Ética pelo Departamento de Filosofia da Universidade Estadual Rio de Janeiro (UERJ).

YAM FRANÇA BECHARA
COLABORADOR, DESIGNER E EDITOR CONVIDADO

Yam é pesquisador, designer e artista. Cuidado, detalhe e organização são palavras chaves do meu processo de criação. Responsável pela diagramação desta edição da Revista Estudos Transviades.

MARIN MATOS
COLABORADOR E DESIGNER

Marin é diretor de arte, designer e autor dos livros “Antes do Sol Nascer” e “Reinventando Marias”, ambos autopublicados digitalmente e disponíveis online. Responsável pelo design da capa e autor da contra-capa desta edição da Revista Estudos Transviades.

2023
V. 4 // N. 8
pg. 12

Carta do Editor Convidado

Aos dez anos de idade redigi meu primeiro poema. Naquela época, já havia transitado por diferentes identidades, passando por Leo, Junior e Daniel. No geral, preferia vestir as roupas do meu irmão mais velho e interpretar os personagens masculinos dos desenhos animados que assistia. Nesse contexto, me lembro de ser instigado a escrever repetidamente meu antigo nome. A presença de qualquer instrumento riscante em minhas mãos despertava uma necessidade quase involuntária de assinar, em uma busca por definir uma nova forma de grafar meu nome, de modo que ele não pudesse mais ser lido, mas apenas reconhecido.

Quando reflito sobre o ato de assinar, e assim, representar um nome por meio de signos gráficos, percebo o quão significativo isso é para nós, pessoas transmasculinas. Desde a escolha de elementos que irão compor o formato do nosso nome, até a carga emocional que levamos nesse jogo de reconhecimento e desidentificação. São duros os caminhos que passamos para conferir legitimidade às nossas vivências. Por isso, é importante cultivar meios de transgredir os obstáculos, abrir caminhos, criar novas vias: de nome, de escrita, de ensaios, poemas, fotografias, de vivência, de luta e de celebração. Honrando, não apenas, nossa história individual, mas também contribuindo para a construção do tecido complexo da experiência transviade.

Desse modo, gostaria de prestar meus agradecimentos a todo corpo editorial da Revista Estudos Transviades, em especial Cello, Nico e Thárcilo, que estiveram mais próximos nesse período de diagramação desta edição. Marin, agradeço pelo cuidado com a construção da nova identidade visual da Estudos Transviades e pela revisão da diagramação tendo contribuído pra deixar tudo mais lindo. Roma, obrigado por ter colaborado e dado os primeiros passos de organização desse novo modelo de edição. Anis, obrigado pela amizade, pela construção de novos trabalhos e interlocução no dia-a-dia. Helena, te agradeço pela ternura da nossa convivência. E a todos outros amores e famílias.

E por fim, e mais importante, gostaria de agradecer imensamente a todes que tiveram coragem de submeter os trabalhos para esta edição.

COM CARINHO,
YAM

2023
V. 4 // N. 8
pg. 13

Editorial

No trabalho com o qual abrimos nossa oitava edição, intitulado "**PROFUNDAÇÃO**", **Yam e Anís** fazem um exercício por meio de uma plataforma digital de composição de imagens, na qual utilizam palavras e frases que remetem à corporalidades não normativas como comando, explorando o escopo de conteúdos que alimentam a inteligência artificial. Além de relacionar a ideia de corpos à virtualidade, denunciam as ausências evidentes de correspondência com corpos que existem.

Em "**FERVI**", **Akin** escreve uma carta na qual nos conta sobre a escolha de seu nome e a conexão que ela tem com a história que seus pais compartilham sobre as expectativas de quando foi concebido. De maneira fluida, como um amigo que tranquilamente nos relata um acontecimento enquanto estamos sentados num banco de praça, a escrita de **Akin** é um gostoso afago. Com "**CORPO ESTRANHO**", **Akin** nos poemiza as suas ansiedades e a euforia de encontrar-se consigo mesmo, homenageando seus guias, a ancestralidade que o compôs, e mais uma vez a(firmando) seu nome.

Os textos "**DE “REPENTE” A “EMBOLADA DE GÊNERO”: EMBATES ENTRE AS “NOVAS” E “ANTIGAS” IDENTIDADES DE GÊNERO VINCULADAS AS MASCULINIDADES EMBUCETADAS**" de **Tali Boy**, é resultado do conjunto das práticas visuais das "**MASCULINIDADES EMBUCETADAS**" que o mesmo desenvolveu ao iniciar seu doutorado no Programa de pós-graduação de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em sua atividade usou uma bola de futebol como disparador para provocar nas pessoas que circulavam espaços urbanos questionamentos sobre gêneros e masculinidades.

Em seguida, temos as imagens do **Toi Pam**, são cinco fotos, produzidas coletivamente, onde é expressa criações inspiradas na moda Upcycling e Vintage, evidenciando e tendo como principal inspiração os brincos de **BIBRINCU** (@bibidebibi), feitos por uma pessoa não binária.

Depois, **João Liu** apresenta seu desenho "**REVISTA-CARAS, CARAS-TRANS**", as imagens "**ÚLTIMO DIA DE FÉRIAS I E II**", onde em alguns recortes vemos partes do corpo de duas pessoas em uma piscina, e "**ANJO DA GUARDA**".

Ícaro Zem traz seu texto "**MINHA COR DE ROSA**", onde faz uma narração, quase nos levando à seus pensamentos, quando fala sobre os medos, angústias e conquistas de ser quem ele é.

Logo após, encontramos as fotografias e colagens de Dayo Nascimento, com o nome de "**NBABY (PARA DANÇAR MINHAS MEMÓRIAS**)", onde recupera de maneira acolhedora suas imagens de quando era bebê e criança.

Em "**ENSAIO SOBRE CORAGEM**", Frederico Alves e Líryan Faria elaboram sobre a coragem que pessoas cis, em específico, visualizam na pessoas trans, trazendo apontamentos sobre o quão violentos são estes aplausos que não reconhecem que essa é a única forma de resistir e combater as transfobias que estas existências enfrentam.

Depois, Tales Henrique, em seus desenhos e pinturas "**EU AINDA ESTOU AQUI", "FORÇA" e "LÁGRIMAS COLORIDAS"** exprime seus sentimentos e organiza no processos de adoecimento vividos enquanto uma pessoa transmasculina.

João Andrade, em seu texto "**SER OU NÃO SER - A AUSÊNCIA DE REPRESENTATIVIDADE TRANS MASCULINA NO AUDIOVISUAL E A IMPORT NCIA DA CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO**" nos traz reflexões a respeito da falta de representação trans masculina e de quais narrativas sobre estas corporalidades queremos que seja veiculada.

Alex Pontes/Alexpiral nos apresenta uma arte chamada "**OS LIVROS SOBRE MIM CONTÉM ESPIRAIS DEMAIS PARA SEGUIR CIS-TEMAS CRONOLÓGICOS**", com uma imagem masculina e a frase que a intitula como pano de fundo.

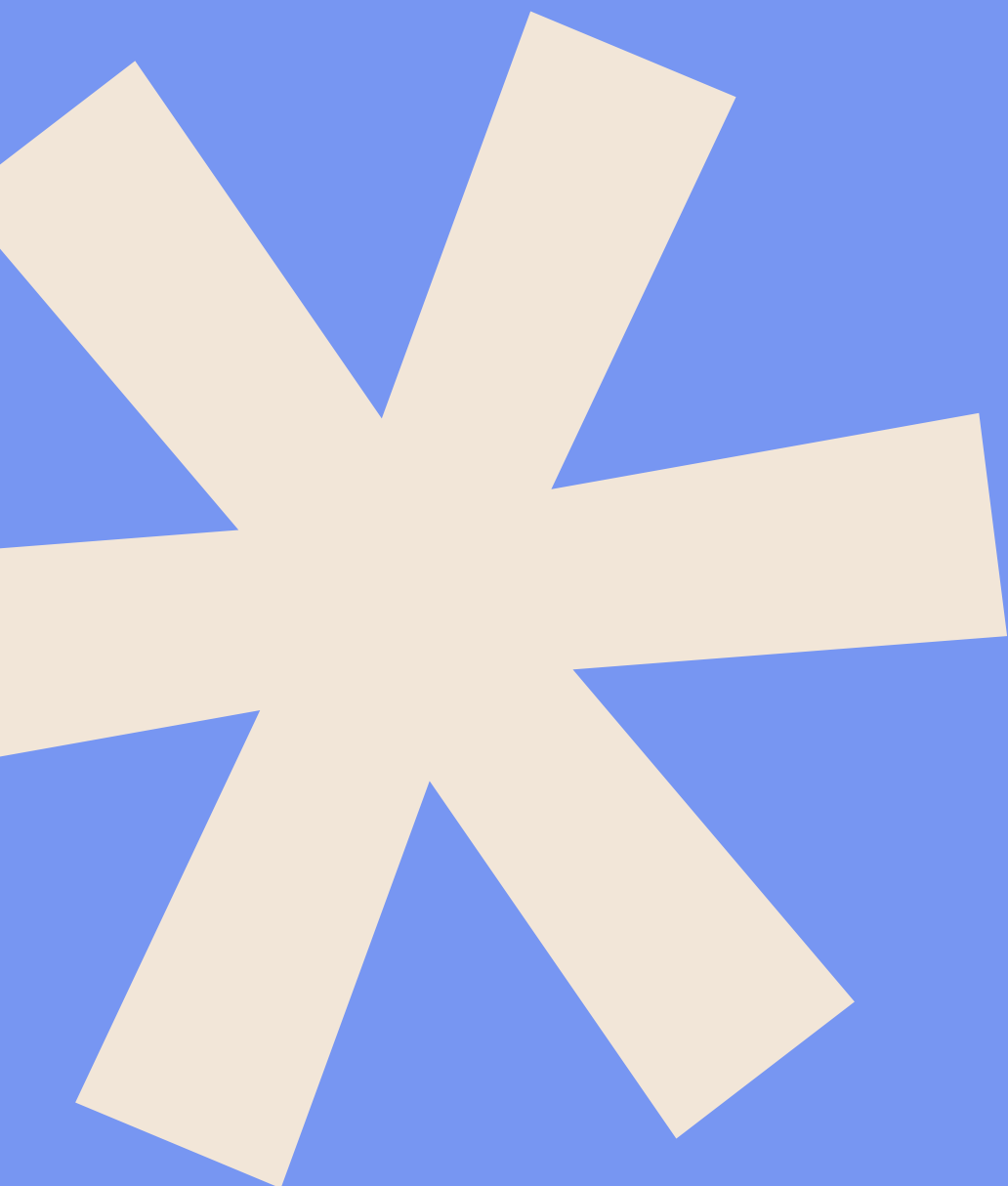
Por fim, Cello Latini Pfeil e Bruno Latini Pfeil trazem o ensaio "**A TRANSEXUALIDADE COMO INSCRIÇÃO DO CORPO COMO NORMATIZAÇÃO DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS NA GÊNERO DISSIDÊNCIA"**, no qual buscam elaborar de que maneiras um corpo produz a si mesmo e como isso, da mesma forma, revela o caráter não natural de outros corpos, questionando as patologizacões e criminalizações instituídas socialmente.

Desejamos a todes uma ótima leitura,

CORDIALMENTE,
REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES

Profundação

Yam e Anís

ISSN: 2764-8133

Profundação é uma série de testes de composição e decomposição imagética-textual através de um dispositivo online de inteligência artificial que funciona a partir de frases-comando que geram compilações de 9 imagens únicas. Trata-se de uma investigação do dispositivo artificial de tradução de texto para imagem acerca da formação e deformação das técnologias da ficção de gênero.

Quais imagens compõem o acervo digital do que seriam corpos não-binários? Aqui, investigamos a relação imagética textual que perpassa a construção subjetiva dos corpos em sua estrutura binária, anunciando um discurso oculto e outras linhas de escrita, ou da não-escrita.

O exercício propõe a aprofundação dos sentidos das dissidências e das negações por meio do encontro entre um dispositivo digital e nosso dispositivo linguístisco, para elaborarmos as descrições das imagens disparadas em um processo dialógico de codificação.

corpos dissidentes de gênero

Uma imagem em tons de cinza foi formada pelo dispositivo; é porosa e possui ruído. Quatro figuras humanóides estão nuas e de pé. Todas têm rosto distorcido, não possuem mãos e seus órgãos parecem estar dispostos para fora do corpo; A superficie de seus torsos apresenta textura nebulosa. Ao longo dessas estruturas surgem manchas escuras com aparência de buracos. A sensação é de que os rostos distorcidos nos encaram.

O texto disparador para gerar essa imagem foi: corpos dissidentes de gênero

2023
V. 4 // N. 8
pg. 20

A imagem é composta pelas cores: preto, marrom, marrom-alaranjado, pequenas quantidades de amarelo e branco. Aparenta ser parte de uma ampliação microscópica. É uma figura ciliada. À direita, na parte superior da página, existe uma grande mancha preta profunda, com alguns pontos de brilho. Um pouco a baixo, à esquerda, outra mancha um pouco mais clara é exibida com maior capilaridade. Na extremidade da imagem, há outros pontos menores de coloração preta, dentro da grande forma abstrata e telúrica que ocupa a página.

O texto disparador para gerar
essa imagem foi:
corpos dissidentes

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 22

Uma imagem de fundo verde oliva, a imagem se estende por toda página, é majoritariamente verde. No entanto, no centro há uma forma longinenia e espinhosa suspensa na horizontal, de tonalidade bege-avermelhado. Nessa forma central, as extremidades apresentam algumas pontas soltas e outras entrelaçadas, se assemelhando com imagens microscópicas de organismos bacterianos e viráis.

O texto disparador para gerar
essa imagem foi:
corpos dissidentes

corpo cisgênero

2023
V. 4 // N. 8
pg. 24

A imagem é ruidosa e dividida em dois planos. O plano superior é cinza claro. Há duas figuras de pele branca com farda azul e patentes no ombro. Ambas usam chápeu azul e estão viradas para frente. Suas faces estão distorcidas e possuem sombras que parecem cavidades. Não possuem mãos. Já o plano inferior, corta e sobrepõe a figura de cima. Possui fundo branco. Trata-se do ângulo frontal de um rosto de pele branca, sem cabelos. Não está distorcido, mas a imagem é tão embaçada que os contornos do rosto desaparecem. No lugar dos ombros há duas manchas escuras que se assemelham a patentes militares.

O texto disparador para gerar essa imagem foi:
corpo cisgênero

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 26

A imagem é uma compilação de várias pequenas imagens que parecem fotografias 3x4, uma ao lado da outra, isso porque a maiorias dos retângulos possuem figuras semelhantes a rostos. No entanto, algumas são abstratas Há dois retângulos centrais que são da cor laranja neon.

O texto disparador para gerar
essa imagem foi:
corpo não-binário

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 27

YAM FRANÇA

Sou artista, pesquisador e designer. Atualmente, participo do Programa de Formação em Pesquisa do Instituto de Arte Contemporânea, IAC, localizado em São Paulo. Desde o início de 2023, me dedico ao trabalho voluntário de diagramar e editar a Revista Estudos Transviades, voltada a publicação de pessoas transmasculinas. Sou formado em Belas Artes, com ênfase em Gravura, pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Na graduação fiz parte de projetos de pesquisa (PIBIC e PIBIAC) relacionados à Escrita de Artista e Arte Contemporânea na cidade do Rio de Janeiro.

Anís Morais, artista e psicanalista, CRP 05/70973. Atuante na clínica psicanalítica e no campo psicossocial em práticas envolvendo processos criativos em saúde mental com grupos terapêuticos na ONG Casa Chama e oficinas artísticas em equipamentos de saúde. No ano de 2022, realizou em colaboração com a Secretaria de Cultura de Recife, um projeto de publicação visual chamado "A ponta da agulha".

ANIS MORAIS

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 28

Fervi

Akin Sueht

ISSN: 2764-8133

Escrevo esse escrito como continuação daquelas cartas escritas pela minha mãe em 95, aquelas cartas que ela escrevia pro meu pai cheias de afeto, todas elas referiam a mim como Matheus, ela sempre quis um menino e teve. Eu, trancafiado numa existência que não me dizia, lia cada palavra y a cada vírgula sentia o Matheus, talvez a mãe também, isso explicaria a necessidade-urgente de me fazer mulher em performances, assim como ela é, tentativas falhas e por tanto desistidas... Não culpo minha mãe. Vivemos o engano da possibilidade única de ser, e por pura coincidencia do CIStema, essa possibilidade eh por norma CIS.

Ser trans me foi clandestino por 25 anos, hoje entendo que ser-clandestino apesar dos perigos é a expressão pura do que é viver plenamente, foi na clandestinidade que me fiz real, acolho meu corpo marginal. Acolho. Pois, o centro nunca deu conta da imensidão que meu-ser expressa. Clandestino do mundo, marginal da vida, meu-eu vive. Penso sobre o Matheus, que sempre me foi. E que virou segundo nome, transformado e transmutado em Theus y por definitivo Sueht. Penso em AKIN, primeiro nome. Onde me autodesigno homem guerreiro. Valente.

Assim como meu pai Ogum, resistente como o ferro forjado por ele, mas maleável. Toma forma y flui. Akin Sueht, nome escolhido.

São tantos entendimentos, né? Me diziam que para eu me tornar o Akin teria que matar o Pâm, nunca quis matar ele y sempre fui o Akin e por tempos questionei que movimento seria esse além da realidade que se sedimentou? Eu sabia que já não cabia mais nesse nome e em tudo que ele carregava. Eu sabia que era hora de me firmar como disse minha mãe de santo, Tânia. Eu sabia tantas coisas, mas o entendimento vem assim, de forma leve, de dentro pra fora, num dia aleatório de verão. O entendimento vem com emoção.

Processos.

Não esqueço o dia que conheci Georgia, uma mulher preta, trabalhadora, faceira que conheci na semana em que compreendi ser-eu. Georgia poderia tranquilamente ser minha tia, minha mãe, tia-avó... A Geórgia tinha o cabelo vermelho, meio rosa y sorria com os olhos de maneira acolhedora, parecia que enxergava todo o emaranhado que tenho dentro. De máscara facial rosa, blusa rosa y avental lilás, ela cumpria sua tarefa. Ela me perguntou meu nome, depois de minutos de papo, falei que era AKIN, em resposta ela me perguntou se meu pai não tinha se enganado quando escolheu esse nome. Ao me ouvir dizer que eu o havia escolhido, ela me olhou com um olhar curioso, e quis entender como eu tinha escolhido meu próprio nome, eu falei que era um homem trans, e senti o nome Akin Sueht.

2023
V. 4 // N. 8

Foi a primeira vez que falei com firmeza, a primeira vez que falei entendendo quem eu era. Georgia, me olhou como se enxergasse tudo que estava aqui dentro e respondeu sorrindo: Tá bom Akin, eu sou a Geórgia, quando tu quiser lembrar meu nome tu pensa em São Jorge. São Jorge, Georgia, São Jorge, Georgia... Eu ri, ela riu. E falei pra ela que não esqueceria nunca, pois lembraria do meu pai Ogum... A vida y suas coincidências, confesso que por dias até pensei que a Geórgia fosse entidade, tipo no conto da Cidinha da Silva, um exu em Nova York, Pai Ogum em Porto Alegre, imagina a loucura, logo em Porto Alegre. A questão é que naquele momento a Geórgia se fez entidade y me marcou.

Um escrito nunca se finda, sempre temos algo novo pra contar, e a vida se complementa e conecta assim como um escrito. E ela vem me fazendo refletir novamente em como é caro essas paradas de nomes pra nós, ouvir quem tu ama te chamando pelo teu nome, dizer teu nome e ser respeitado, detalhes pros cis y um acalanto pra nós. Essa semana minha mãe me mandou umas mensagens, diálogo dela com meu pai.
E me colocou pra pensar sobre o nome novamente.

Nunca achei que tal movimento viria dela y me emociona observar as tentativas.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8

[28/4 21:54] MÃE: O significado para Akin é: "menino corajoso"/ LINDA LUZ”. Amei esse significado.

[28/4 21:54] MÃE: Significado de Sueht: Desde 1UE estava na barriga, tinhamos escolhido o nome MATHEUS para menino e para menina estávamos indecisos. O nome *Sueht* foi o inverso do finalzinho de Ma *theus*... Dai qdo ele me contou fiquei a refletir, que sempre foi um desejo nosso que fosse um menino. Será que tem algo a ver? Coisas da vida, só nos resta respeitar, continuar amando e zelando pelo nosso menino.

[28/4 21:54] MÃE: É necessário ter muita coragem, pois o mundo não perdoa, o mundo é cruel... Dá medo, mas dá um orgulho enorme. Aceitar, me deixa livre!!

y quando aceito,
me firmo.

Agô, o pé tá fincado.

O Pam ficou pra trás,
não morreu,
se transformou.

ISSN: 2764-8133

E no aqui y agora, prazer, eu sou Akin.

Foram nas encruzilhadas da vida que me forjei como ferro que ferve

y vira o real.

2023
V. 4 // N. 8
pg. 36

CORPO ESTRANHO

Akin Sueht

ISSN: 2764-8133

**Foi me dito
com zelo:**

**cuidado, a cabeça
não deve sair
do lugar.**

**Entre afetos,
conselhos,
encontros,
reencontros,
dicotomias,
entendimentos,
rateadas,**

**acertos...
me fiz.**

**Embora pra mim
seja difícil viver
sem pensar no
futuro, resultado,
expectativa.**

ISSN: 2764-8133

Escolho viver

y que a vida
me leve.

Na loucura
da intensidade de
conhecer quem
se eh, cheguei.
Permitindo afetar
tanto, tanto

Que cansa.

Pesa, densa.

Mas se refaz
num piscar,

num pulso
de vida,

numa vontade
de viver.

2023
V. 4 // N. 8

Circunstâncias
me diziam: fica

O coração
dizia: vai

E ali aprendi que
nas escolhas se faz
o firmamento.

Nada eh
por acaso.

Minha mãe
de santo disse
que tava na hora
de me firmar,

Agô, o pé tá
fincado, mãe.

Abaô.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 40

Raiz forte
y nutrida.

O Pam ficou
pra trás,

No aqui y agora

Prazer,
eu sou Akin.

(O Kim?
A Kim?
O Akin!!)

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 41

AKIN SUEHT

Me localizo na encruzilhada, local político-ancestral que me permite perpassar o espaço acadêmico y político y artístico compreendendo a dimensão do meu corpo-flor no mundo. Prazer, Sou Akin Sueht, Bisneto da dona Olga, neto de Maria Geni y filho de Olga. Homem trans, estudante de ciências sociais, escrevivente, arte-educador, modelo, artista, pesquisador, oficineiro, militante do movimento negro y lgbtqia+, sou de axé y eh na religião que me faço. Milito nos coletivos Camelias y Alicerce, y faço parte do G8-generalizando. A arte eh movimento, e eu que sou de girar, giro.

ISSN: 2764-8133

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

De “Repente” a “Embolada de Gênero”: embates entre as “novas” e “antigas” identidades de gênero vinculadas as Masculinidades Embucetadas

TALIBOY

ISSN: 2764-8133

1. “DE OLHO NO LANCE”

Esse texto é resultado do conjunto das práticas visuais das *Masculinidades Embucetadas* que passei a desenvolver ao adentrar no doutorado no Programa de pós-graduação de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPGArtes-UERJ), e foi por via dessas práticas que chego ao Rio de Janeiro, vindo da Bahia, depois de uma vivência entre o semi-árido/sertão (Vitória da Conquista, interior) e o litoral (Salvador, capital) – meio a meio, 19 anos em cada lugar, sendo profundamente transformado em cada uma destas experiências.

Em 2022 experiencio essa outra cidade que é o Rio de Janeiro, da qual só havia estado uma vez na infância, por poucos dias, e tenho lembranças de, na mesma época, ter a presença constante, companheira das bolas de futebol. Bolas essas que agora tenho retomado e têm sido a porta de entrada, ou o dispositivo - que tem me levado a conhecer um pouco mais do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro/RJ.

A ideia inicial deste trabalho foi espalhar mais de 100 bolas de futebol das *Masculinidades Embucetadas* pelos espaços público da cidade do Rio de Janeiro/RJ e então observar, através de uma câmera escondida, as interações sociais, situações inusitadas e o que mais essas bolas poderiam revelar/despertar/suscitar com sua presença física nesses espaços e sujeitos. Os lugares/territórios escolhidos foram vias públicas, praças, centro da cidade, calçadão da praia, lugares de grande circulação de pessoas e pontos turísticos do local.

ISSN: 2764-8133

Foi pensando em balançar as redes das certezas de gênero, assim como trazer as outras formas de masculinidades invisibilizadas, principalmente aquelas presentes em corpos com vulva (ALMEIDA, 2012; HALBERSTAM, 2008), que esse trabalho foi se construindo. Contando com o aspecto simples, mobilizador e agregador que uma bola de futebol pode despertar nas pessoas que circulam pelos espaços urbanos, observar as possibilidades de zonas de sociabilidades e de indiscernibilidade de gênero, mesmo que momentâneas.

Assim, as bolas de futebol se apresentam como possibilidades de pregar peças dentro das normatividades, funcionando através de uma lógica antiga de se deixar "presentes" em formato de "cavalos de tróia" (presentes que, na verdade são armadilhas) pela cidade, que, ao serem levados para o interior dos espaços privados, possam gerar questões que apontem para os assuntos de ordem pública envolvendo as invisibilidades e rexistências das *Masculinidades Embucetadas.*

Tenho entendido que as angústias iniciais que me fizeram criar este trabalho, são da ordem dos atravessamentos sociais sobre minha própria dificuldade em lidar com a masculinidade hegemônica, sendo um corpo transmasculino, feminista e, também sapatão. Ou seja, como perceber em mim e no "outre", o impacto e os tremores de terra (PRECIADO, 2020) ocasionados pela emergência das "novas" identidades dos homens trans, das pessoas transmasculinas e/ou inconformes de gênero (HABIB, 2021; DAVILA, 2014; ALMEIDA, 2012) sobre

ISSN: 2764-8133

as "antigas" identidades, vinculadas às masculinidades em corpos com vulva, como as chamadas mulheres-macho e/ou sapatão. Nesse sentido, trago "novas" e "antigas" identidades de gêneros entre aspas, pois, a partir de uma mirada ou giro decolonial, o que é "novo" passa a ser "antigo" e o que é "antigo" na verdade é o "novo".

Assim, nesse trabalho, me aproprio do corpo/imagem do homem cisgênero enquanto suporte de visibilidade para trazer a campo essas outras tantas identidades que me compõe. São táticas, ou a forma que encontrei para trabalhar a aceitação das outras masculinidades, inclusive àquela que me habita, como o que já são, no caso, diferentes e, portanto, não hegemônicas. Visto o quanto a norma opera justamente, para além de nos confundir apagar as nossas diferenças, como se todas essas masculinidades fossem cópias malfeitas, portanto, hierarquicamente, colocadas como inferiores da masculinidade opressora e normativa.

Considerando isso, trago as provocações acerca do que pode nos revelar a inversão dessa lógica? Quando o que está em evidência é a cópia mal-feita, agora, da própria norma. E mais uma vez recolocar a pergunta: nesse jogo das masculinidades, entre as novas e antigas formas de nomeação, quem copia quem?

E é sobre a *Embolada de Gênero*, título desse trabalho, que compartilho o presente texto enquanto *escrita de artivista*, em que o "fazer é pensar" e o "pensar é fazer", lugares de ação/teoria enquanto zonas de indiscernibilidade, que possibilitam o desentendimento da pesquisa e a possibilidade de acessar pontos cegos que, um trabalho de cunho mais científico e teórico não poderia acessar, de maneira a testar "[...] os limites da experimentação, da experiência e aplicação direta na realidade, buscando alterá-la, criar ruídos e transformá-la, ao mesmo tempo em que se é também transformado por essas mesmas ações-teorias. (TALIBOY, 2022, p. 88)

É importante pontuar que em muitos dos espaços onde coloquei a bola, era também a primeira vez que pisava naqueles territórios, ou era por eles movido em uma interação e investigação pela "potência do imediato da experiência" que tenho elaborado, há mais de 15 anos, enquanto conjunto de práticas visuais que almeja instalar dentro do "estado poético" as questões de ordem do social, das identidades e demais marcadores da diferença, criando assim um tensão entre a poética, o político e o real, capaz de abrir outros espaços e alargar nossos horizontes de entendimentos individuais e sociais das opressões, bem como dos espaços de liberdade e autonomia.

ISSN: 2764-8133

Para isso, utilizando da potência do campo da arte, da comunicação e da política, busco desenvolver uma escuta apurada de si e do outro, que me auxilia nesse processo de tentar remodelar/disputar/desconstruir/retomar ou dobrar a linguagem, para sair da armadilha da representação, e chegar de fato, no acontecimento, a fim de compartilhar/contagiar mais pessoas e assim somar na busca por materializar outras formas de vida politicamente excluídas da cena e do jogo público.

Abaixo, apresento as etapas da construção desse trabalho, desde o momento inicial, *Enchendo a bola das Masculinidades Embucetadas*, através da produção e a *apropriação da imagem cisgênera e heterossexista do Gabigolzinho* para, a partir desse novo deslocamento, pautar a embolada de gênero no espaço urbano. Já no tópico do Pontapé Inicial compartilho as experiências das bolas em campo e para qual direção tais práticas foram sendo tocadas e/ou apontadas. Por fim, trago as principais reflexões, assim como apontamentos de que o jogo com as bolas das *Masculinidades Embucetadas* não termina nos *Minutos Finais*, comprometido que se encontra com as aberturas dentro do campo discursivo da norma.

ISSN: 2764-8133

2. ENCHENDO A BOLA DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS - PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DA IMAGEM CISGÊNERA E HETEROSSEXISTA DO GABIGOLZINHO (CONSTRUÇÃO DA JOGADA)

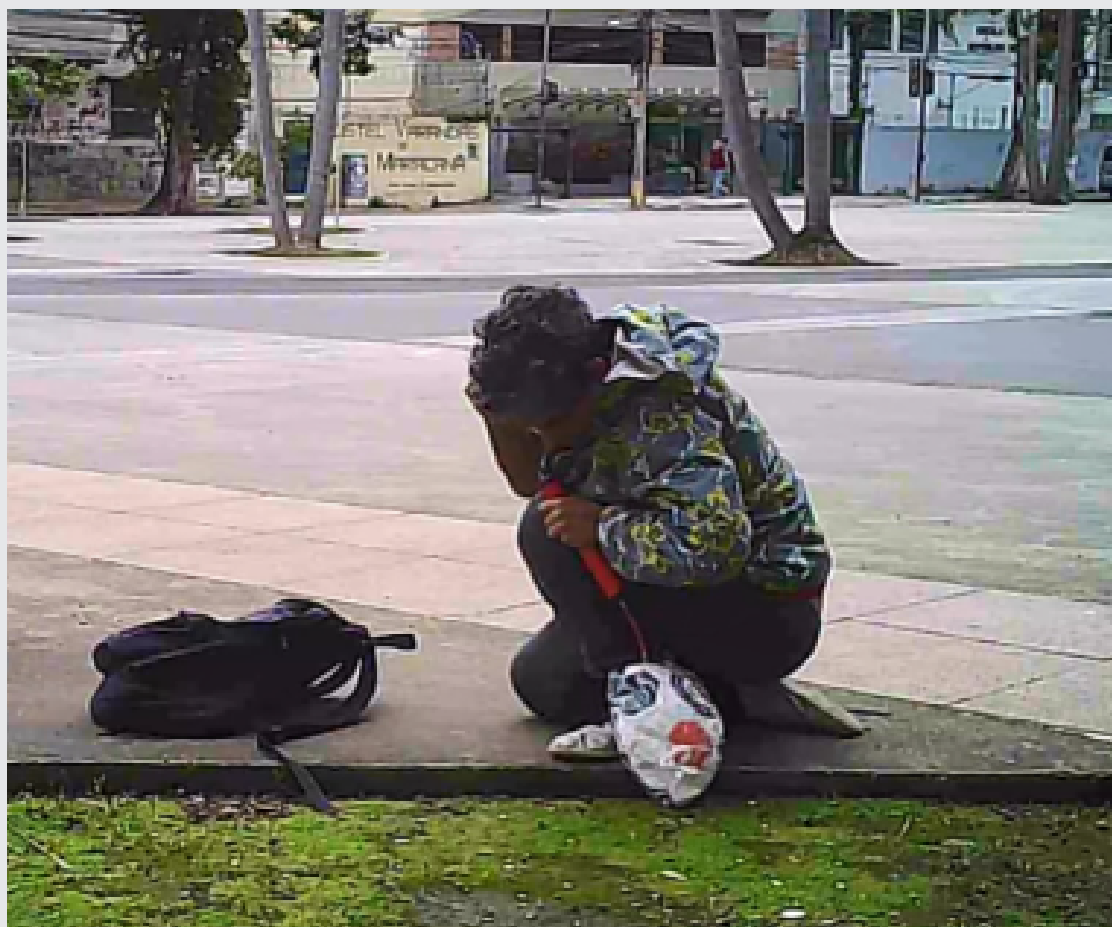



FIGURA 1 – ENCHENDO A BOLA DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS
FONTE: ACERVO PESSOAL, MARACANÃ/RJ, 2022

As questões e imposições de gênero começam a ser colocadas em prática desde a tenra infância, na medida em que as performatividades/repetições obrigatórias de gênero (BUTLER, 2003) vão se moldando, até chegar à fase adulta, em que essas questões encontram-se mais cristalizadas nas certezas quase intransponíveis de suas próprias ficções, automatizados que estão por desempenhar bem as regras, portarias e normativas impostas aos mesmos sujeitos durante toda sua vida.

Por isso, a forma e conteúdo da bola foi pensada para dialogar e abarcar todas essas idades. Desde a apropriação do formato clássico presente nos pentágonos (gomos) em preto e branco remetendo ao que foi responsável, nas primeiras transmissões televisivas do século XX, por distinguir e dar identidade visual à bola de futebol, agora trocadas pelas cores vermelho e preto, associados ao Flamengo – time de maior torcida do Brasil, e das práticas anteriores que me fizeram chegar a este trabalho.

Até a manipulação da imagem do personagem infantil Gabigolzinho, criado em 2020 pelo próprio jogador e “novo” ídolo do Flamengo, Gabriel Barbosa, mais conhecido como Gabigol. O atleta é dono de uma personalidade marcante que exala masculinidade em sua máxima potência: é marrento, brigão, artilheiro, mulherengo e provocador com os times rivais, ou seja, todas as características exemplares da masculinidade hegemônica e de um ídolo do futebol, equiparando-se a Zico, “antigo” ídolo do clube no século passado.

É importante pontuar que o Gabigol não é um homem branco e advindo da classe média, mas garante uma defesa da masculinidade hegemônica em suas práticas cotidianas, principalmente no momento que o consagra em campo, a hora do gol, onde performa e exibe, sua marca registrada, a cara séria, braços erguidos mostrando o “muque” e balançando a cabeça, como quem expressa ar de força e poder da masculinidade.

2023
V. 4 // N. 8

A presença de Gabigol é constante nas mídias, blogs, sites de fofoca e redes sociais operam cobrindo o cotidiano e, em algumas situações, o passo a passo do jogador, conferindo-lhe notoriedade principalmente às suas polêmicas e dando destaque a seus antigos ou atuais relacionamentos heterossexistas, usando-os muitas vezes como justificativa para seus atos dentro e fora de campo, ou seja, quando fracassa a culpa é sempre das suas ex-mulheres (fig.2).

Gabigol superou ex mulher com after

Em um dos vídeos mostrando **Gabigol** que mais geraram repercussão, o craque aparece em um local fechado com outros colegas. Aparentemente, um show está acontecendo e o rapaz está em cima do pequeno palco montado por lá. **De repente, o atleta fica parado e ameaça se jogar em cima das pessoas que estão em sua frente.** Nesse momento, alguns colegas do clube correram para não deixar o amigo ir ao chão.

Após ser humilhado por ex mulher, veja

O duro golpe que a ex-mulher de Gabigol lhe deu, arruinou o jogador e o Flamengo

Artilheiro rubro-negro ficou fora da Copa do Mundo e não tem tido sorte fora dos gramados

Gabigol perdeu a namorada e não foi à Copa do Mundo

Não só bastou arruinar a Copa do Mundo, ex-mulher de Gabigol quer acabar com sua vida

Jogador não foi convocado ao Mundial do Catar e agora será o camisa 10 do Flamengo em 2023

FIGURA 2 – COBERTURA DA MÍDIA SOBRE O GABIGOL
FONTE: PRINTS DA INTERNET, 2022.

ISSN: 2764-8133

Com base nisso, não só a imagem cisgênera, masculina e heterossexista do Gabigolzinho é deslocada para o centro da bola nesse experimento, mas ainda a palavra EX-MULHER é colocada no peito do personagem (fig.3).

FIGURA 3 – APROPRIAÇÃO E MANIPULAÇÃO DA IMAGEM DO GABIBOLZINHO ENQUANTO CÓPIA DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS - EX-MULHER
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2022.

EX-MULHER, no senso comum, indica uma mulher que foi casada ou teve relações romântico/afetivas com alguém e, devido a uma separação, se torna uma ex-mulher de um

ISSN: 2764-8133

terceiro (a). Contudo, e se, em algum momento, a expressão é usada justamente para apontar a separação de si mesmo? Ou seja, EX-MULHER, para ilustrar a desistência da imposição do cis-tema sexo-gênero a um corpo embucetado e, por conta disso, marcado como mulher, desde antes do seu nascimento.

Foi através da ativista guarani Geni Nunez (2022) que primeiro colocou o termo EX-MULHER enquanto desistência do gênero colonial, para fazer uma série de reflexões sobre a colonialidade de gênero em relação às populações originárias que não se reconheciam sobre essas categorias, e ainda hoje não são legitimadas enquanto pertencentes 100% a elas.

Aqui, não esqueçamos do discurso de Soujorner Truth[1] no início do século XX, ao questionar numa conferência de mulheres, se ela, enquanto um corpo racializado, não seria uma mulher, pois tudo o que foi dito naquele espaço como não sendo 'papel de mulher', era realizado por ela ao longo de sua vida. Ou ainda, os apontamentos no meio do século XX da ativista lésbica Monique Wittig ao afirmar que a lésbica não é uma mulher, porque rompe com o regime binário da heterossexualidade.

O que essas pensadoras (Geni Nunez, Soujorner Truth e Monique Wittig) estão nos dizendo é que as categorias binárias de gênero colonial são principalmente vinculadas à questões da norma, ou seja, ser "mulher ou homem de

1. "Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher, Sojourner levantou-se para falar após ouvir de pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora." (https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/)

verdade" pressupõe pertencer a raça branca, ser cisgênero, ou dentro do que Butler (2003) chamou de pertencer a "matriz heterossexual". De preferência, pertencer à classe média ou rica, assim como estar localizada no norte do globo e estar dentro de uma faixa etária e peso corporal padrão, isto é, para alguém ser considerado desse ou daquele gênero (e assim usufruir das benesses da normatividade) é preciso compor uma série de requisitos fundamentais, impossíveis de serem conquistados simultaneamente a todos os corpos.

Dito tudo isso, didaticamente, promovo o deslocamento da inteligibilidade do EX-MULHER na sociedade, no sentido de afirmar/subverter outras identidades de gêneros, vinculadas as transmasculinidades, à qual uma parcela significativa da população ainda insiste em dizer que não sabe ou não conhece a existência de tais sujeitos e não apenas como desistência do gênero colonial (NUNES, 2022).

EX-MULHER, portanto, para pôr em xeque/dúvida o cis-tema sexo-gênero do Gabigolzinho, confundindo a audiência que ao ver aquela imagem tão inteligível com um EX-MULHER ao centro do peito, envolto numa estrutura circular semelhante a ideia "original" que vi numa das bandeiras cravadas na Praia do Leme (fig. 4) onde antes aparecia os dizeres "PRAIA DO LEME", no experimento foi trocado por "MASCULINIDADES EMBUCETADAS" e o "FLA LEME" por "EX-MULHER".

2023
V. 4 // N. 8

FIGURA 4 – BANDEIRA COM A IMAGEM “ORIGINAL” DO GABIGOLZINHO
FONTE: ACERVO PESSOAL, PRAIA DO LEME - RJ, 2022.

Imagem esta que remete às clássicas representações dos mascotes de times em diversas torcidas organizadas do Brasil, e é interessado nessa audiência de torcedores de futebol, que aqui esses signos passam a ser manipuladas e acrescida de elementos discursivos que remetem aos embates entre as “novas” e “antigas” identidade de gênero que, como foram apontadas no início desse texto, são encaradas enquanto resultado da imposição moderna e colonial/ocidental, no intuito de demonstrar como o debate das identidades e a lógica construída dos times de futebol, operam através do mesmo sentido. Não esqueçamos aqui as rivalidades, violências e mortes cometidas entre as torcidas de futebol.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8

Ao propor a escolha política nada fácil do retorno ao campo da norma, ou seja, do universo futebolístico brasileiro, masculinista, cisgênero e heterossexista, busco, na verdade, a visibilidade deste campo para ecoar os dilemas dos jogos das identidades na contemporaneidade, principalmente daquelas mais invisibilizadas e, por conseguinte, subalternizadas e/ou excluídas da cena pública. Assim, usando a metáfora do futebol como um lugar de formação de identidade e da masculinidade hegemônica, tenho a intenção de fazê-las dobrar sobre si mesmas, a fim de refletir sobre os principais dilemas das identidades – onde o comum formador da identidade não seja novamente usado para apagar e/ou excluir as diferenças em nome da unidade fundacional, mas que seja palco/estádio/suporte para devolvê-las a cena pública.

Usar a imagem do Gabigolzinho enquanto plataforma, suporte, para trazer a visibilidade pra outres jogadores, replicando essa imagem ao centro das mais de 100 bolas de futebol, através de serviços na internet de brindes personalizados para empresas, onde o "original" – o próprio corpo cis - hipervisível - neste jogo de performances e performatividade, vira "cópia", parodia de gênero (BUTLER, 2003) para 'embolar' ainda mais e, como se diz no sertão, criar um outro "repente" de gramática de corpos, para que outras masculinidades ganhem terreno e lugar ao centro do campo, afinal a masculinidade nunca foi bem repartida por todes os corpos , principalmente os embucetados. (HALBENSTRAM, 2008).[2]

2. Recomendo também a leitura texto "Trans-fantasmagoria: uma breve transarqueologia da (in)visibilidade trans-masculina. Entre a invisibilidade e a hipervisibilidade" do autor Ian Habib (2021).

ISSN: 2764-8133

Foram esses estímulos variados que me fizeram entender o apelo comunicativo desse conjunto de imagens que já circula no imaginário, podendo ser manipuladas e deslocadas para trazê-las como suporte de visibilidade – atenção pública - para dentro do universo das *Masculinidades Embucetadas* (fig.5).

FIGURA 5 – PRODUÇÃO DAS 100 BOLAS DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS ENVIADAS PELOS CORREIOS

Essa bola foi produzida depois de três negativas das empresas que busquei na internet, uma vez que todas elas tinham motivos cristãos em suas identidades visuais, seja nos sites ou nos contatos por whatsapp. O motivo era sempre o desconforto depois que enviava a imagem a ser aplicada sobre as bolas; as empresas deixaram de me responder, o que diz bastante acerca da mentalidade e de como opera a ideologia de gênero, pois poucas coisas fazem o capitalismo recusar executar seus serviços.

Por fim, depois de mais de três meses de tentativas, encontrei uma empresa que topou realizar a produção das bolas, que inclusive ao divulgar a bola das Masculinidades Embucetadas em suas redes sociais em formato de vídeo, adicionou a música Paraíba *Masculina Mulher Macho Sim Senhor* (1946), canção célebre de Luiz Gonzaga, e ainda me disse que já havia recebido pedidos com essa imagem do Gabigolzinho. E foi com essa música e vídeo promocional que sigo usando para abrir e finalizar os vídeos que divulgo esse trabalho nas redes sociais.

2.1 EXPERIÊNCIAS COM A BOLA EM CAMPO - (PONTAPÉ INICIAL)

O “pontapé inicial” é o momento mais importante de qualquer jogo, pois é a hora exata em que a bola começa a se mover dentro do campo, o abrir dos caminhos. Para que o “pontapé inicial” seja dado, é preciso que alguém o faça, e é sobre essas táticas de como disparar essa bola em campo que também compartilharei ao longo deste tópico. Assim como é importante ter em mente que a depender de como esse “pontapé inicial” é dado, o mesmo tem a capacidade de influenciar uma gama diferente de acontecimentos.

Num primeiro momento, acreditava que era necessário passar despercebido ao colocar as bolas no espaço público, ou seja, ela precisava parecer que sempre estivera ali, ou que foi deixada ou esquecida por alguém. Assim, carregava uma blusa para encobrir a bola, depois de enchê-la e discretamente

ISSN: 2764-8133

soltá-la ao chão. Ora fingia amarrar o sapato, ora usava algum elemento da cidade, podendo ser latas de lixo, batentes, bancas de jornais, ponto de ônibus, ou ainda da natureza como as árvores, para me esconder e dar um leve toque nela para que ganhasse sozinha a área.

Já para conseguir captar as imagens, sem que minha presença fosse notada ou associada à bola, utilizei uma câmera espiã, dessas bem pequenas que encontrei na internet, vinda da China, que colocava discretamente nos espaços ao redor e ficava no local esperando as interações, ou vendo-as sendo levadas embora.

Esta experiência exigiu uma demanda de tempo, paciência e escuta alongada dos espaços e das situações que são um tanto efêmeras e voláteis já que também é a vida acontecendo em profusão e tempo real. Afinal, desde o momento inicial, até os dias de hoje, se vão exatos nove meses, uma gestação completa e ainda falta um longo caminho pela frente.

Sobre as primeiras impressões, o que percebi de imediato é que muitas bolas sumiram rapidamente de vista, surpreendentemente, pois imaginei que elas ficariam um bom tempo sem destino, nas ruas. Da mesma forma que a interação com a masculinidade, de fato, foi imediata, enquanto que as leituras e interações sociais do feminino com a bola, foram bem mais pontuais e pautadas por momentos de censura por parte de pessoas em volta desses corpos, confirmando as expectativas/ordenamentos de gênero no espaço público.

ISSN: 2764-8133

Antes de continuar com essas análises, vamos por partes. Retomando, o “pontapé inicial” foi dado no calçadão de Copacabana - a praça pública carioca por excelência, no dia 04 de setembro de 2022 (fig. 6), era um dia de domingo e estava um clima chuvoso no ar. Compartilho a descrição textual que realizei imediatamente após deixar a primeira bola, em um bloco de anotações pessoais, pois acredito que traz as expectativas iniciais deste trabalho.

> Num momento que estiou, Taliboy pegou a bola atravessou a rua em direção a barraca do pagode carioca, enquanto Roberta Nascimento, do outro lado da calçada, se posicionava para registrar o lance. Taliboy gentilmente retirou a bola do saco preto e a posicionou calmamente ao lado da lixeira que usou de proteção e disfarce para que o mínimo de pessoas notasse sua presença e da bola. Havia uma jogada ensaiada com Roberta que daria um passe na bola depois para deixá-la mais exposta no meio do campo, mas não foi preciso. Depois que atravessou a rua na direção de Roberta, mas ainda distante, já percebeu que a bola foi tocada por outro jogador em campo. Se regozijou ao ver uma embaixadinha rolando e, ali teve certeza que o material da bola era o ideal, assim como todo o trabalho, ideia e proposta, tudo super encaixado. Aliás, esse foi um trabalho do qual nem havia dúvida sobre esse quesito!!! Tudo incrivelmente certo e de acordo com o contexto. Realmente, a "arte" trabalha numa precisão surpreendente, próximo da divina comédia da vida que, no seu fluxo mais intenso e interno, nada falta e tudo se desfalca, num espetáculo da desordem que em nada se assemelha com ordem e progresso, mas que em tudo se transforma em movimento e nesse caso, em passe de bola!

FIGURA 6 – START: 1° BOLA COLOCADA NO CALÇADÃO DE COPACABANA
ROBERTA NASCIMENTO, ACERVO PESSOAL, 2022.

E assim se inicia essa partida de futebol para além dos campos da norma. Até o momento em que esse texto é escrito, mais de 70 bolas foram espalhadas por diversas zonas (regiões locais) do Rio de Janeiro, principalmente a zona norte – onde moro - zona sul e no centro da cidade. Em março de 2023, período em que também escrevo esse texto, faltam quase 30 bolas a serem colocadas nos espaços urbanos do Rio de Janeiro - RJ. Neste momento priorizarei a zona oeste e a linha do trem que atravessa a cidade e leva para outros municípios que compõem a Grande Rio. Importante pontuar também que, dessas 30 últimas bolas, resolvi adicionar um e-mail: emboladadegênero@gmail.com (fig. 7), como parte do que pode vir a ser um terceiro momento do trabalho, para assim seguir abrindo canais de diálogos, por onde os efeitos dessa bola possa ainda circular e revelar.

FIGURA 7 – E-MAIL: EMBOLADADEGENERO@GMAIL.COM; ADICIONADO ÀS BOLAS
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2023.

Voltando às etapas do experimento, o segundo momento de ruptura aconteceu num pequeno gesto de rebeldia contra as próprias táticas desenvolvidas até então. Em meados de dezembro de 2022, ao deixar uma bola no ponto turístico da famosa escadaria de Selarón, próximo aos Arcos da Lapa, segui com mais uma bola para colocar em outro lugar nas redondezas do centro do Rio de Janeiro. Eis que me deparo com um supercruzamento, lugar de encruzilhada, ao lado de uma banca de jornal. Ali coloco a bola no chão e num rompante sou invadido por uma vontade de dar um chute bem forte daqueles para levar a bola para a grande área e assim deixar, ver se ela balança alguma rede por aí.

E foi exatamente isso que aconteceu. A bola primeiro bateu no carro, o que a fez mudar sua direção, em seguida, caiu do outro lado do cruzamento (fig. 8), nos pés do "dono da rua"[3] que assim a pegou e seguiu seu rumo. De imediato sabia que, nesse simples gesto, além de muito prazeroso, havia outras tantas possibilidades que o trabalho poderia apontar.

3. Morador da rua que por ali passava.

FIGURA 8 – MOMENTO DA ENCRUZILHADA E MUDANÇA DA DIREÇÃO DO TRABALHO
ARCO DA LAPA, RIO DE JANEIRO/RJ, ACERVO PESSOAL, 2022.

ISSN: 2764-8133

Assim, segui com a ideia latente de interagir mais com a bola no pé dentro do campo urbano. Em meados de janeiro de 2023, ao realizar um lambe com as mesmas imagens do Gabigolzinho, novamente na rua da Escadaria de Selarón, na Lapa, que ao invés de ter apenas o EX-MULHER na camisa, trouxe a mescla com outras identidades das Masculinidades Embucetadas como GRELO-DURO, BOYCETA, HOMEM TRANS, SAPATÃO, etc, e colei várias dessas imagens juntas, em diversos pontos da cidade (fig. 9).

FIGURA 9 – LAMBES VARIADOS COM A MESMA IMAGEM DO GABIGOLZINHO
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2022-2023. AV. 28 DE SETEMBRO VILA ISABEL E RUA DA ESCADARIA DE SELERÓN, LAPA, RIO DE JANEIRO/RJ

ISSN: 2764-8133

Voltando à rua da Escadaria de Selarón, trazia na mochila algumas bolas para colocar nas áreas do lambe, como tinha em mente, e, dessa forma, conseguir pegar algumas imagens que trouxessem em conjunto tanto a bola quanto os lambes. E assim o fiz. Ao todo foram colocadas 4 bolas. Rapidamente e devido ao grande fluxo da rua, a cada bola que colocava em menos de 5 minutos, ela desaparecia. Havia um ambulante que estava nas áreas desde o momento inicial quando ali cheguei, ele começou a flagrar a situação e associar a presença das bolas com minha presença; Eis que na última bola (fig. 10), ele resolveu interagir, veio na minha direção perguntando se era eu que estava colocando-as, pois 'volta e meia' aparecia uma bola nova ali.

FIGURA 10 – INTERAÇÃO ENTRE O AMBULANTE E A BOLA
ACERVO PESSOAL, 2023. RUA DA ESCADARIA DE SELERON, RIO DE JANEIRO/RJ.

Ele me disse também que levaria para seu filho pequeno, incentivei a assim o fazer, e naturalmente iniciamos também um diálogo corporal, quando percebi, estava dentro do campo visual da câmera, interagindo com ele. Diversas pessoas que ali passavam também entravam no

jogo, tocando a bola e fazendo novamente ela voltar para nossos pés. Foi um momento bem interessante, inclusive acabou quando tomei uma queda (fig.11) e logo ouvi alguém falar “ela pisou na bola”, realmente achei a situação toda engraçada, são ossos do ofício da “embolada de gênero”, pois não me vejo mais como “ela”; Isso me lembra que, nesse mesmo dia, ouvi de outro trans(j)eunte, ao mirar os cartazes do Gabilgolzinho com as camisas das Masculinidades Embucetadas, que ali era a imagem de um “Gabibixa”. Me levantei com a ajuda da audiência, agradeci, me despedi do brother com quem estava jogando e segui para outras bandas.

FIGURA 11 – MOMENTO EM QUE EU ENTREI DENTRO
DO CAMPO VISUAL DO TRABALHO E TAMBÉM PISEI NA BOLA
ACERVO PESSOAL, 2023. RUA DA ESCADARIA DE SELERON, RIO DE JANEIRO/RJ.

FIGURA 11 – MOMENTO EM QUE EU ENTREI DENTRO
DO CAMPO VISUAL DO TRABALHO E TAMBÉM PISEI NA BOLA
ACERVO PESSOAL, 2023. RUA DA ESCADARIA DE SELERON, RIO DE JANEIRO/RJ.

Depois dessa experiência, entendi que não precisava me esconder para que o trabalho acontecesse, já que havia mais interação, inclusive, quando chegava no espaço público com a bola no pé.

A diferença agora é que o "babado" ficou mais intenso, chegando ao ponto de alguns momentos ter que guardar a bola para deslocar de um ponto a outro, quando estava apenas com uma bola e tinha a intenção de prolongar a ação, ou desencanar e deixá-la seguir seu rumo, objetivo central do trabalho, como quando aconteceu também na Lapa, em janeiro de 2023 no encerramento da Bienal da UNE (fig. 12), em que fui embora e deixei a bola com uma multidão que nem se lembrava mais quem trouxe ela até ali. Na ocasião, me retirei mais feliz com as possibilidades dos encontros, e das continuações do trabalho, ao olhar para trás, já perto de subir na bicicleta, e avistar a bola lá longe subindo e descendo no ar.

FIGURA 12 – BOLA NOS ARCOS DA LAPA - BIENAL DA UNE
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2023.

ISSN: 2764-8133

Sobre essa nova forma de ativar os espaços e a bola poderia descrever várias situações inusitadas, mas focarei nos momentos que julgo mais curiosos. Como quando descobri que precisava voltar à sede do quartel na Tijuca, onde em meados de outubro de 2022, já havia deixado uma bola. Esse quartel, era um espaço que me intrigava desde o primeiro momento que por ali passei, antes mesmo de imaginar que realizaria esse trabalho, seja pela ostentação de sua fachada, ou pelos dizeres: “O BERÇO DA POLICIA DO EXERCITO DO BRASIL”, ou ainda pelo banner com militares de diferentes patentes em que se afirmavam o “ONTEM, HOJE E SEMPRE” (fig. 13), que diz muito sobre discussões de identidade que primam pelo conservadorismo e essencialismo, também me chamou a atenção a quantidade de corpos militares à vista em plena luz do dia, exibindo com orgulho armamentos e o brio da masculinidades militar tão comum em nosso território latino americano.

FIGURA 13.1 – FACHADA DO QUARTEL MILITAR DA TIJUCA (ANTIGA SEDE DO DOI-CODI)
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2022.

ISSN: 2764-8133

FIGURA 13.2 – FACHADA DO QUARTEL MILITAR DA TIJUCA (ANTIGA SEDE DO DOI-CODI)FONTE: ACERVO PESSOAL, 2022.

Algum tempo depois, pesquisando na internet descobri que ali funcionou o antigo Doi-Codi, espaço institucional cívico-militar responsável pelas torturas dos presos políticos na época da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Ao saber dessa informação fiquei ainda mais perplexo com aquele local e tive a certeza que precisaria voltar ali para pegar mais imagens do espaço e ativar mais bolas. Assim, retornei em fevereiro de 2023 com o coração na mão, coloquei a câmera a postos e segui com a bola no pé do lado oposto e em frente a uma parte lateral da fachada do quartel. A priori fiquei fazendo embaixadinhas do outro lado da rua, brincando com a bola e sentindo o melhor momento para dar outro chute bem forte que conseguisse colocar ela lá dentro do quartel, onde pude observar que estavam dois militares fazendo a ronda e também já me flagravam no espaço. O meu intuito era que, de alguma forma, eles interagissem com a bola. Foi isso que respondi a eles ao atravessar a rua para recolher novamente a bola e tomar uma advertência dos 'milicos' em questão (fig.14).

FIGURA 14 – CHUTANDO A BOLA DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS PARA DENTRO DO QUARTEL DO 1° BATALHÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO (ANTIGO DOI-CODI)
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2023.

Outro momento importante, repleto de afeto e reconhecimento social, aconteceu na Praia do Leme, no dia 29 de janeiro, dia da Visibilidade Nacional Transvestigênere, quando a Liga Transmasculina João Nery organizou o "Ocupa Leme: Pelo direito de existir em todos os espaços". Apesar de não conhecer ninguém da Liga Transmasculina, acompanhava

à distância, através das redes sociais, desde que morava na Bahia, e tinha muita vontade de me aproximar dela, então aproveitei o ensejo da ocasião e a presença da bola da Masculinidade Embucetada, para não sentir que chegava só na praia naquele dia. Logo na entrada conheci Gabriel Van, que muito bem me recebeu e num tom premonitório disse que a bola faria sucesso com a galera que estava para chegar. Por fim, fui embora depois de participar de uma bela roda construída no intuito de não deixar a bola cair no chão, composta por pessoas trans que encheram e renovaram meu coraçãozinho de afeto (fig. 15).

FIGURA 15 – INTERAÇÃO COM A BOLA NO DIA NACIONAL DE VISIBILIDADE TRANS - “OCUPA LEME: PELO DIREITO DE EXISTIR EM TODOS OS ESPAÇOS”
FONTE: RAI DO VALE, PRAIA DO LEME, 2023.

ISSN: 2764-8133

Nordestino que sou, não poderia deixar de narrar o encontro casual, na Avenida Presidente Vargas - essa mesmo que foi palco das grandes manifestações da Direta Já (1984), e que desde a primeira vez que pisei nela, senti muitas coisas estranhas e ao mesmo tempo familiar - com toda a alegoria da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, que nesse ano de 2023 se consagrou campeã ao homenagear Lampião, ícone da masculinidade contra-hegemônica do sertão.

Logo que avistei o carro alegórico que marcou o carnaval, ao trazer sua filha Expedita Ferreira, nascida em Sergipe, mesmo território do qual partiu minha família paterna rumo à Bahia, e levou consigo tantas histórias sobre Lampião, Maria Bonita e seu bando que na infância cresci escutando.

Completamente emocionado com aquela visão, parei imediatamente a bicicleta, peguei a câmera e posicionei no chão para registrar minha chegada com a “bola no pé”. Tão logo um rapaz que estava na manutenção do carro alegórico se aproximou e ficamos trocando passes com a bola, ele parecia estar se divertindo bastante, não parava de dizer aos amigos em volta a surpresa daquela situação (fig. 16).

Contudo, ao chegar em casa, assistindo as imagens, escuto na gravação, a voz de uma mulher, que não aparece nas imagens, reforçada por outra pessoa, proferindo ataques xenofóbicos quando se refere de maneira depreciativa aos traços físicos do povo nordestino, dizendo coisas do tipo: “esses paraíbas do caralho, olha a cara de filha da puta”.

FIGURA 16 – EM FRENTE AO CARRO ALEGÓRICO DO LAMPIÃO DA ESCOLA DE SAMBA IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE FONTE: ACERVO PESSOAL, 2023. AV. PRESIDENTE VARGAS, RIO DE JANEIRO - RJ.

Nesses embates entre as “novas” e “antigas” identidades de gênero vinculadas às *masculinidades embucetadas*, assim como nos duelos diretos com as masculinidades hegemônicas e também com as outras masculinidades subordinadas presentes no espaço público da rua, não poderia deixar de saudar o velho e bom Zé Pelintra, presença que sinto forte desde a primeira vez que pisei nas ruas do Rio de Janeiro/RJ também buscando, entre tantas urgências primárias de sobrevivência, curar uma dor de amor romântico. Foi imbuído do máximo respeito a essas outras formas de masculinidades não-brancas, negras, originárias, nordestinas, empobrecidos pelo cis-tema do capital, que me dirigi ao seu altar, nos pés dos Arcos da Lapa, e fui recebido pelos seus companheiros, que num gesto de espontaneidade, do jogo, da brincadeira, do inusitado, da representação corporal, “pariu” a bola das *Masculinidades Embucetadas* (fig. 17).

FIGURA 17 – SAUDANDO O BOM E VELHO ZÉ PELINTRA
FONTE: ACERVO PESSOAL, ARCOS DA LAPA, 2023.

Por fim, o que surgiu num primeiro momento, com o objetivo de pregar peças e/ou deboche dentro da normatividade com o desenrolar desse trabalho e prática, observei que camadas mais profundas foram sendo acessadas, criando espaços, zonas momentâneas de indiscernibilidade e sociabilidade, não apenas para as pessoas ao meu redor, mas principalmente voltou-se para quem o concebeu, e trouxe a si mesmo, para o centro dessa bola, seja enquanto parte das ***Masculinidades Embucetadas*** ou como responsável pelas escolhas territoriais e pelo pontapé inicial no campo expandido da cidade.

Como apontei na abertura deste texto, e dito agora de uma outra forma, este trabalho surgiu do impacto/tremor que sentir ao ver pela primeira vez um homem trans com 100% de passabilidade cisgênera. O que se moveu a partir daí é o que segue me movendo agora por essas terras, Rio de Janeiro-RJ, tenho começado a compreender que essa mudança de perspectiva que um corpo transgênero carrega em si, talvez seja mais fácil aceitar as masculinidades, inclusive aquela que me habita e do qual venho a tantos anos em conflito e contradição.

3. MINUTOS FINAIS – (AGUENTA CORAÇÃO!)

Assim, nesses últimos experimentos, tenho levado comigo uma bola vazia na mochila – como quem carrega consigo as principais questões/angústias que têm me acompanhado nesses últimos anos. Tenho aprendido ao longo do caminho e das pesquisas em artes dentro da academia, que a melhor forma de resolver uma questão é "seguir com el problema" (HARAWAY, 2019), então, além de carregar essa bola/problema, tenho criado meus pequenos rituais de sentido, seja quando saio em busca de romper o meu espaço interno, como quem busca aquele amigo do peito que enche a nossa bola, ou como quem carrega consigo seu amuleto da sorte. Ou ainda aquelas palavras sussurradas que mantém nosso corpo fechado, os gestos simples e nobres que nos protegem, assim como abrem nossos caminhos nos apontando direções a serem seguidas.

ISSN: 2764-8133

Bolas vazias na mochila que a qualquer momento podem ser ativadas em meio às interações sociais, buscando outros espaços na cidade que colaborem para a visibilidade das *Masculinidades Embucetadas*, seja nas saídas das mais diversas, para apresentar um trabalho na Universidade, ou até para caminhar pela cidade, num fim de tarde qualquer tocando a bola com o pé para se distrair e a partir daí interagindo com várias pessoas que, por ventura atravessam o nosso caminho e assim se sentem instigadas também a tocarem na bola. Ou ainda, ir a eventos culturais diversos, ao centro da cidade para resolver alguma questão e saber que tem companhia nos momentos de espera e solidão.

Essas bolas já é presença também nos meus ambientes oníricos, volta e meia quando aparecem no meu sonho, lá vou eu seguindo elas, com um olhar atento e sempre me preocupando se estou registrando esses momentos, convicto até mesmo em sonhos de que, quando uma dessas bolas aparecem em campo é presságio de aberturas, e é preciso segui-la com aquela escuta apurada da “potência do imediato da experiência”, que é por meio dessas escutas/registros/partilhas da vida acontecendo in locus, tanto no âmbito pessoal, quanto do social, que essas aberturas se materializam. Afinal, é entre o “eu” e o “outro” que quase tudo acontece, inclusive, a possibilidade de rexistir pautando as nossas diferenças.

ISSN: 2764-8133

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Guilherme. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio de 2012. ISSN 1806-9584 » https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104- 026X2012000200012. Acesso em 15. janeiro.2023.

ÁVILA, Simone. FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. 2014. 243 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BULTLER, Judith. Problemas de gênero. Editora: Civilização Brasileira. 21ª edição, 2003.

HABIB, Ian. Transfantasmagoria: uma breve transarqueologia da (in) visibilidade transmasculina. In: Benevides, Bruna G. Prólogo. São Paulo: Editora Monstra, 2021. p.26-53.

HALBERSTAM, Judith. Masculinidad femenina. Barcelona-Madrid: EGALES, 2008.

HARAWAY, Donna J. Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno. Editora: Consonni, 2019

NUNEZ, Geni, 2022. Disponível em<https://www.instagram.com/p/CYPtAghvzlx/. Acesso em 25. março.2022

PRECIADO, Paul. Um Apartamento em Urano: Crônicas de travessia. Aguiar, Eliana (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020

TALIBOY. Relato de experiência enquanto escrita de artivista: Reflexões acerca da prática visual do trabalho Masculinidades Embucetadas no contexto de Arte, Sujeito e Cidade. Revista Estudos Transviades, Rio de Janeiro-RJ, v.3, n.6, p.87-111, novembro, 2022. Disponível em <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/2022/11/09/518/>. Acesso em 15/01/23.

ISSN: 2764-8133

TALIBOY

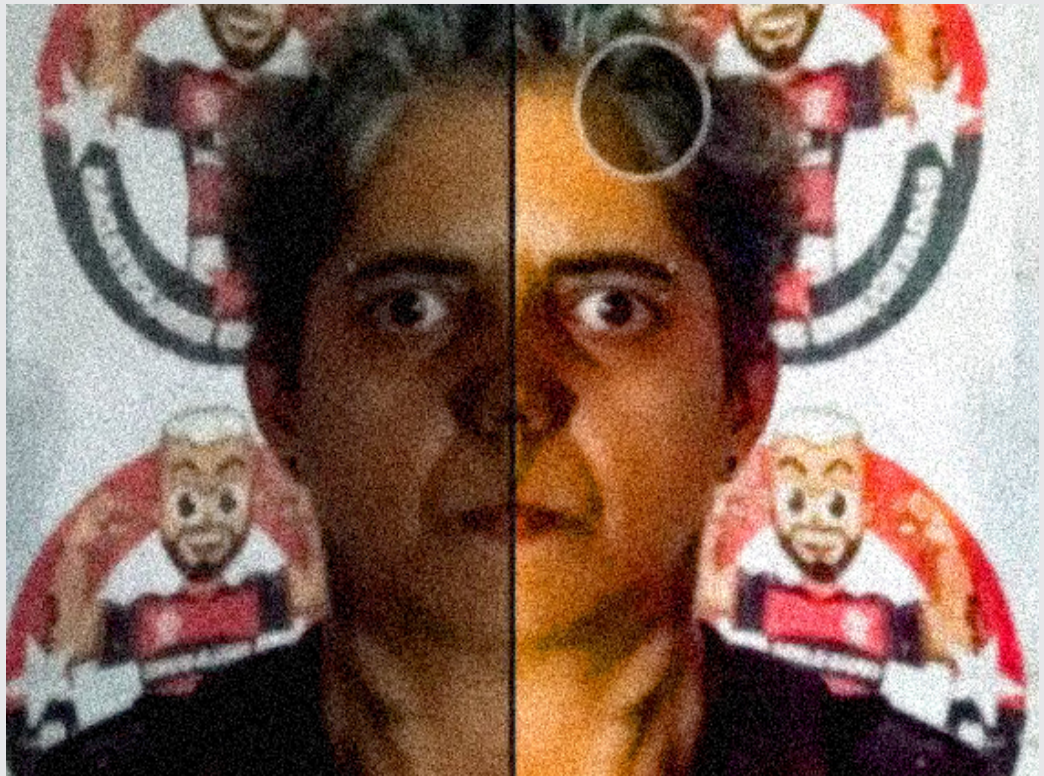
Taliboy nomeia-se como EX-MULHER, pessoa TRANS-MASCULINA e SAPATÃO. É também artivista urbano e pesquisador em artes. Mestre em Processos Criativos pelo Programa de Artes Visuais da UFBA (2021). Graduado em Comunicação Social pela UFBA (2010). Atualmente (2022) está como doutorando no programa de Arte e Cultura Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGArtes-UERJ). Sua poética é pautada pela fronteira entre arte e ativismo na contemporaneidade, tendo como espaço de ação as cidades por onde transita, assim como o feminismo e as questões das identidades vinculadas aos marcadores sociais da diferença.

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 79

Imagens de
Toi Pam

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 81

A imagem mostra um rosto de perfil, olhando para a câmera, com a mão esquerda acima da cabeça; suas unhas são longas, pontudas e coloridas. O rosto está com expressão série, possui uma pintura com traços perto do olho e usa uma orelha élfica. Tem cabelo preto e barba preta, lábios dourados e bolinhas na testa, em forma de meia-lua. Possui um brinco retangular colorido em branco, vermelho e azul. A pessoa veste uma vestimenta com alça curta avermelhada. O fundo é um quarto com luz roxa. Há cabeças de manequim na parte superior da parede do quarto.

2023
V. 4 // N. 8
pg. 83

A imagem mostra uma pessoa de boca aberta, olhando para um tomate que segura com a mão, usando uma luva vermelha. A pessoa veste uma roupa amarela, de manga comprida, e uma vestimenta vermelha nas pernas; meias brancas e sapatos amarelos. A pessoa olha para o tomate e possui maquiagem e adereços faciais amarelados. Possui cabelo preto e barba preta. No canto inferior direito, há uma mesa branca com um telefone vermelho. Atrás da pessoa, há uma geladeira branca e uma parede branca, com uma porta branca ao lado. O chão é marrom.

ISSN: 2764-8133

A imagem mostra uma pessoa com vestimentas amarelas e vermelhas que encara a câmera, com os pés mais próximos à câmera e a cabeça mais afastada. A pessoa está sentada em uma cadeira de madeira, com uma das mãos descansando no colo e outra acima da cabeça. O fundo é uma cozinha, com uma geladeira branca, armários brancos próximo ao teto, uma mesa branca e uma porta branca no canto esquerdo.

A imagem mostra uma pessoa olhando para a câmera, com cabelo e barba pretos, orelha élfica, piercing no nariz e adereços na testa. A pessoa veste uma camisa laranja e uma vestimenta prateada por cima. No ombro esquerdo, sua mão está recostada e possui unhas longas e pontudas e brancas. O fundo se constitui de roupas em cabides.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 89

A imagem mostra uma pessoa sentada com os braços cruzados acima das pernas, olhando para a câmera de cima a baixo. A pessoa possui cabelo e barba pretos, unhas brancas longas e pontudas, orelhas élficas e veste uma calça dourada, uma camisa laranja e uma vestimenta prateada por cima da camisa. Usa brincos retangulares longos brancos e senta-se em uma poltrona com estampa quadriculada cinza, marrom e branca. O fundo é um conjunto de roupas em cabides e uma mesa com vasos de flores.

ISSN: 2764-8133

TOI PAM

Esse editorial é um trabalho coletivo inspirado na moda Upcycling e Vintage, tendo como sua maior inspiração o brincos de BIBRINCU. (Brincos feitos à mãos não binárias de BiBi de Bibi @bibidebibi)

Bibi de Bibi tem 25 anos e é experimentador e pesquisador de diversas linguagens artísticas que o atravessam e funcionam como ferramentas de se cavucar e se expressar, entrelaçando a arte com suas vivências enquanto um corpo boyceta não binário paulistano. Além do teatro, da música e da poesia, traz o artesanato e o desenho em sua trajetória como trabalhos criativos íntimos profissionais. Bibrincu é uma proposta que surge no final do ano de 2020 no cenário de uma pandemia e juntou a latente pesquisa das artes visuais, a proximidade com a manufatura de acessórios e o interesse pela ressignificação do lixo, para produzir brincos feitos de placas de fórmica (encontradas no lixo) ilustradas com esmaltes velhos. A partir disso, outros acessórios, outras propostas e outros materiais foram sendo agregados a esse trabalho autônomo, numa constante descoberta da versatilidade e potência de materiais que seriam descartados.

ACERVO: CAMIL @BRECHOITINERANTE
STYLIST: NATA @NATAOFSOCIETY
MAKE: TOI PAM @TOI.PAM
BRINCOS: BIBI @BIBIDEBIBI
FOTOGRAFIA: LUA @LUA.MPEG
MODELO: PAM DRAGKING @TOI.PAM

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 91

REVISTA-CARAS, CARAS-TRANS

João Liu

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 93

A imagem mostra uma ilustração rosa, semelhante a um caderno aberto, com as palavras “caras”, “caras”, “trans” e “sexual” dispostas da esquerda à direita, as duas últimas embaixo das duas primeiras. A assinatura do autor, João Liu, consta borrada no canto inferior direito.

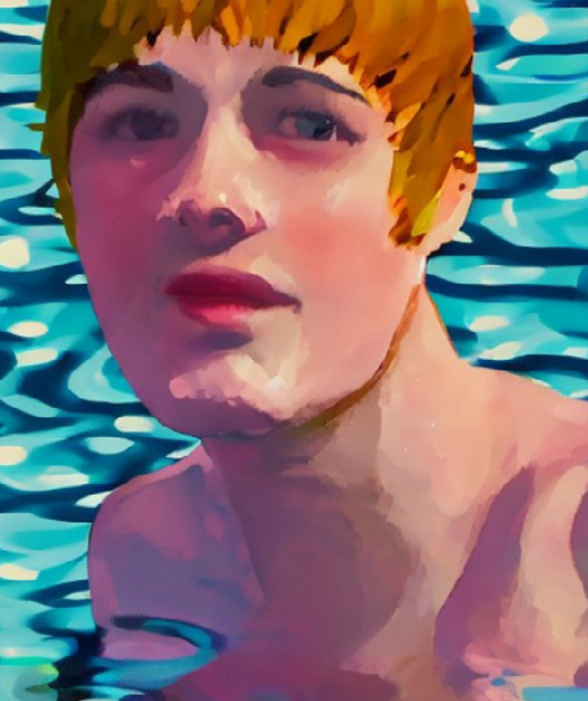
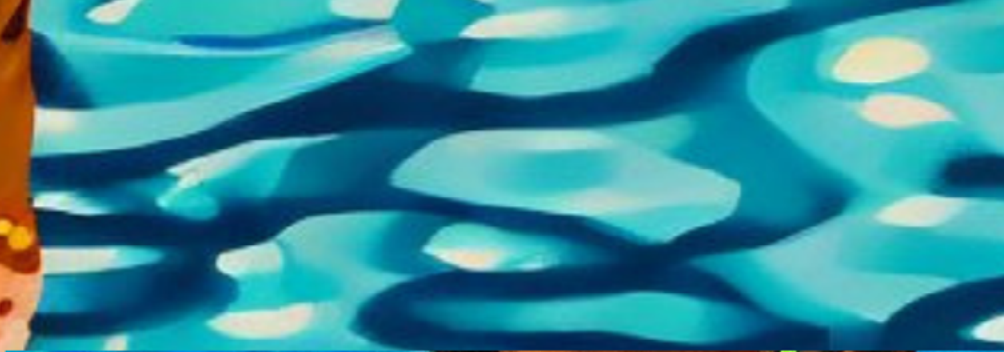
ISSN: 2764-8133

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 94

Último dia de férias

João Liu

ISSN: 2764-8133

A imagem mostra quatro recortes. O primeiro, na parte superior, consiste em suas pessoas em uma piscina, uma delas com o braço estendido. O segundo recorte mostra o semblante de uma pessoa de perfil. O terceiro recorte mostra o semblante de uma pessoa de frente. O quarto recorte mostra duas pessoas em uma piscina, com água batendo na cintura, ambas de lado

A imagem mostra cinco recortes. O primeiro consiste no recorte de um olho, pegando parte do nariz. O segundo consiste no torso de uma pessoa de perfil, com o braço levemente estendido, com o fundo de uma piscina. O terceiro consiste no torso de uma pessoa também de perfil, com o braço estendido e outro braço na cabeça, dentro de uma piscina. O quarto consiste em uma pessoa sentada na parte rasa de uma piscina. O quinto consiste em duas pessoas de pé em uma piscina, de lado, com água batendo na cintura.

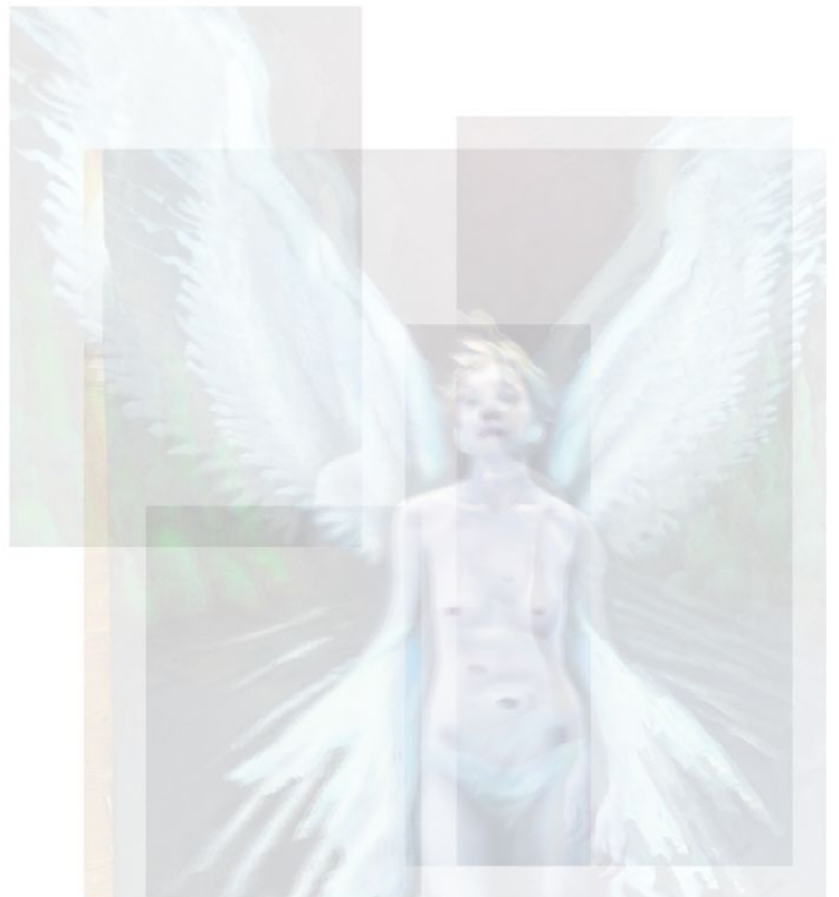
REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 99

n. Anjo da Guarda

João Liu

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 101

A imagem tem fundo branco e cerca de seis planos sobrepostos com transparência que juntos formam o desenho de uma pessoa de frente, nua, com asas, semelhante a um anjo.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 102

João Liu é Artista Visual. Formado em cinema e teatro, busca se movimentar e perceber a vida através da ótica antirrealista. Em sua vida acadêmica, pesquisa sobre a linha inexistente entre realidade e imaginação, em seu trabalho, expressa, através de desenhos, videoartes, atuação e criação, essa percepção de multirealidades. Em sua vida pessoal, que se mistura com a academia e com seu trabalho, J. Liu performa uma identidade que está sempre se transformando.

ISSN: 2764-8133

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 103

Minha cor-de-rosa

Ícaro Zem

ISSN: 2764-8133

Lá estava eu deitado, dormindo dentro da cabeça de uma garotinha, dramaturgo ensaiando uma peça de Shakespeare, esperando o despertar de um anjo sem asas. Ícaro voou perto de mais do sol, e nos braços de Apollo chora a chance perdida de liberdade. Eu nunca nasci pois sempre existi, e ela por sua vez nunca morreu. Talvez sempre tenhamos coexistido, talvez por isso eu parecia odiar algo dentro de mim sem explicação.

Em alguns lugares existe a certeza das folhas de outono caindo, ou a neve branca de inverno que forra o chão, mas isso não existe na minha terra, no meu Brasil existe o caos que aconchega durante as estações. Dentro de mim existe algo semelhante, que não funciona como deveria ou como se é esperado, e mesmo assim sua beleza permanece ali para os olhos que a querem ver. Dentro de mim existe turbulência, qual nome e sobrenome são difíceis de decidir. Talvez mamãe me ajude escolher novamente, e talvez depois de todo esse tempo papai abra os braços, para receber os ventos dessa nova estação.

Meu trem precisa partir.

Se ela não morreu, porque eu sinto que ela nunca viveu? Nunca segurei sua mão pra lhe dizer que ficaria tudo bem, ela esperou por anos se encontrar, ela viu coisas as quais uma criança não precisava saber da existência. Uma visão fictícia do mundo me hipnotiza, e eu estava perdido no teu olhar esperançoso de menina, acreditando que eu poderia escolher um caminho mais fácil para seguir.

2023
V. 4 // N. 8
pg. 105

Sonhei com uma fada, cabelos longos como feixes de luz, ela segurou meu rosto em suas mãos e me disse que o sol me banharia feliz novamente, e eu senti a tal calma pela primeira vez. Ela chamou meu nome, mas o nome ainda não era meu, ela olhou no fundo meus olhos como se procurasse alguém dentro do meu corpo. “Oh menininho, você vai aprender a gostar de você, a vida precisa ainda te ensinar oque é viver, você sobreviveu demais.”

Eu acordo, numa manhã de domingo com céu nublado e preguiçoso, colchões no chão, a fórmula 1 na televisão e o café na mesa me dizem infância, meu pai me dá um beijo na cabeça, “Bom dia minha cor-de-rosa”.

Hoje sim, meus cabelos cor de algodão-doce como diz minha irmã, e o retrato vivo com qual ando me faz rosa. Mas o rosto inchado da noite passada refletido no espelho, certas vezes não reconheço. Todo dia eu tento procurar em mim quem eu sou, todo dia construindo meu eu em pilares de vidro, tão delicados e transparentes. Sei que eu vou conseguir, demorou chegar aqui para eu desistir agora. Como posso esconder do mundo a única pessoa que sou? Eu acordo e tento decidir se vou me vestir para eles ou para mim; a menininha que vive aqui dentro pede aconchego, e eu coloco minhas meias listradas de rosa e flores, usando toda a coragem que juntei ao longo dos anos.

ISSN: 2764-8133

Talvez exista um Deus, talvez existam deuses, e talvez eu não seja castigado por tentar ser feliz na única vida qual tenho certeza que vou ter. Tentar montar uma comunidade para fugir das agressões do mundo, o que um Deus falaria disso? Do que sabe um deus sobre os delitos humanos?

Existirá alegria em ver as notícias algum dia? Não posso mais ver meus irmãos e irmãs morrendo pelas mãos da injustiça, esse caos foi longe demais.

Trechos que não se conectam, sonhos, idéias e ideais quais correm por dentro de mim sem rumo, procurando o caminho certo a seguir. Cada pedacinho meu teme, que não existe lugar seguro para existir, lugar qual me quer verdadeiro e não só me aceita por obrigação.

Eu nunca senti medo, mas a angústia me alcançou quando eu finalmente me reconheci. A minha identidade trouxe consigo o perigo, agora meu pai tem medo que eu saia na rua vestido como menino, eu posso apanhar, eu posso morrer por tentar viver minha verdade. Morre um pedaço de mim quando penso na possibilidade de perder alguém sobre algo que não tenho o controle, me consome ter que escolher entre viver uma vida deturpada e viver uma mentira.

Mentir para minha família não me olhar com aqueles olhos de desgosto, desapontamento, negação, ódio.

Tenho medo de olhar naqueles olhos.

Não é domingo, mas talvez uma quinta-feira lenta, céu violeta acinzentado, e eu deitava no chão incrédula pensando “quando isso acaba?”. Os gritos saem de vocês e meu coração absorve, eu grito em silêncio, estática que suspira em meu ouvido e agita minha alma, falta algo aqui. Eu revivo a mesma memória, na beirada da beliche eu imagino nosso futuro sem pensar no meu, o tempo passa tão rápido. Pela primeira vez eu estou me descobrindo, com medo, mas esse medo que continua me empurrando pra frente, a incerteza do que vai acontecer me mantém em alerta.

Entre aquele 10 de outubro e o setembro de 2019, é estranho quanta coisa aconteceu. Nada mudou. Eu ainda tenho medo de admitir quem sou, e vocês ainda não querem deixar de ser o que são.

Eu sento no chão ao lado de sua cama, me sinto uma criança novamente, eu falo mil coisas e não consigo dizer uma sequer. Você me acolhe e eu sinto a roda começar a girar no meu peito, vai dar tudo certo. Você vai continuar comigo não importa oque eu disser não é, sempre fomos eu e você contra o mundo.

Réveillon.

Sorriso esculachado eu sinto o vento em meus cabelos, castanhos, curtos, eu sinto meus olhos úmidos. Não lembro

2023
V. 4 // N. 8
pg. 108

a última vez que senti que era bom viver. Deus eu estava contente em viver no meio desse caos. Eu olhei para o céu e pensei que talvez eu não seja a menina que pensei ser, e o menino que eu talvez venha a ser vai ser muito mais feliz.

Eu sonhei que estava na casa da minha avó, deitado no quintal sobre uma tolha de mesa branca bordada de verde limão, e sob minha cabeça o colo de uma pessoa que eu amava de maneira impetuosa. As borboletas azuis no meu estômago, o calor que subia atrás das orelhas, sua mão macia em meus cabelos e o cafuné que me traria sossego. Pesadelo.

Eu sei que ele dizia estarmos bem mas eu senti os olhares da minha família no batente da porta. Eu amava esse rapaz, mas eu era um menino e isso os perturbava. Acordei desorientado, com uma saudade triste daquela realidade, negação eterna. Como posso eu admitir esse pecado, que não passa de amor? Blasfêmia, injúria, inferno. O que seria da minha fé, escrita em meu gênesis com faca de mel em meu íntimo?

Eu chorei. Como podem dizer que um deus que é amor, odeia que amem ao outro, a si mesmo? Aprender a se amar finalmente, para aceitar o pensamento que Deus prefere que eu mate meu menino para viver uma mentira nesse mundo que vai ser destruído?

Se o meu pecado for o de tentar viver até o fim, talvez eu aproveite ser feliz no meio tempo.

Eu mal fechei meus olhos e lá estava você.

Mamãe diz que eu nasci miúda, olhos expressivos, pequena e cor-de-rosa. Acho que essa cor veio bordada em mim, e talvez seja uma das poucas coisas que vieram comigo qual eu nunca odiei. Como poderia eu odiar algo que só me falaram com voz doce e branda?

O tempo já não é mais circular na minha cabeça, o relógio não funciona como deveria e as memórias começam a se sobrepor, porém está tudo aqui. Sempre esteve.

Eu dia ou outro me arrependo até os ossos de não ter te contado, eu não deveria ter tido tanto medo mas eu nem me conhecia direito, eu queria viver tudo devagar com você mas a vida tem outros planos. Eu fantasiava um cenário qual você me amaria assim, estranhamente ele. Por que as coisas precisam ser assim?

Sinto que devo muito à mim mesmo, à vovô eu pensei tantas vezes em contar, naquele dia ele bebia e me contava várias histórias, estava na ponta da língua. Quando eu segurei sua mão na UTI eu pensei mil vezes em falar baixinho eu seu ouvido, as lágrimas me atrapalharam de pensar direito. Eu queria tanto te contar que sou seu menino vô, eu sei que do seu jeito maluco você ia me aceitar, mas eu não tive coragem, eu tinha alguma fé de que o senhor ia ficar bem.

E o Natal sempre vem com essa luz quente.

Calculando cada passo meu, detalhado, perfeccionista, eu revejo meu roteiro toda manhã, será que é isso mesmo o que eu quero fazer? Um novo ano, novo começo, a dor latejante de algo que não vai embora, mas eu posso apaziguar um peso da minha alma enfim. Se eu não tenho certeza ainda eu nunca vou a ter, vou com medo e vou com oque tenho para oferecer.

Eu tenho o sentimento de pressa para poder me expressar, quero poder sentir orgulho de quem eu sou, não quero mais usar desculpas, diminuir o meu sentimento de individualidade. Eu tenho sim orgulho de ser trans, porque isso mostra o caminho que eu percorri para me aceitar, mesmo da forma mais drástica eu vou me amar. Eu sofri por medo da não aceitação, chorei inúmeras noites sozinho para poder admitir em voz alta meu nome, e não vou deixar ninguém me dizer que eu deveria ser discreto quanto a isso.

Ainda é difícil imaginar meu futuro, minha família me tratando diferentemente, o mundo nunca mais me vendo como eu, porque eu nunca vou ser um homem, pra sempre eu era outro alguém, sempre vão ver minhas cores. Então eu não faço mais questão de escondê-las, eu vou bradar em poema o meu cor-de-rosa, o meu azul e o branco da paz que eu sonho em ter.

Você se encontrou? Eu olho para as estrelas esperando alguma resposta, estamos todos debaixo dessa constelação, mas será que alguém se conheceu realmente? Espero que um dia vivamos um lindo sonho, de pessoas nuas de felicidade, esbanjando sorrisos e vestidas de amor.

Meus sonhos parecem certas vezes escorrer pelos meus dedos, meus sonhos de poesia, prosa corrida entre histórias para o mundo. Eu quero entregar vida, eu quero entregar emoção mas preciso saber se chegará a teu sangue o meu sangue. Eu escrevo e escondo fundo no meu peito, eu guardo para ti o pedaço mais belo do fim, eu vou conseguir ser quem a sua criança precisa.

Seu nome, meu nome, eu não à matarei. Meu paradigma desperto de fúria, o espelho não reflete mais seu rosto e me pergunto quando refletirá o meu, eu o moldo dia-a-dia. Michelangelo e seu mármore, eu e o amante sol, mãos queimadas em cera quente colocamos suas asas de volta no lugar. Eu espero pacientemente o dia que levantarei voo para fora desse labirinto. Aspirante a escritor, um amante aspirante da vida, um jovem mergulhado em falsas esperanças que o quer fazer concretas. Sou eu o rapaz nesse corpo, não mulher mas também não homem, essa identidade não é minha, é algo a mais. É querer ser masculino e etéreo, a minha feminilidade é só minha memória e carisma, quero ser feminino apenas como os homens são quando usam saias compridas, quero poder ver além do gênero e me sentir eu ainda.

Eu acreditei por muito tempo não ter medos de verdade, quando eu temo muito por mim mesmo. Temo a ideia de não ser bom o suficiente para quem importa, tenho medo perder aqueles que amo mais do que tudo, medo de não viver o suficiente antes de morrer.

E mesmo não tendo medo de morrer, temo, por aqueles que posso deixar para trás. De que valerá todo o tempo que sofri se não for para ter visto as maravilhas do mundo, e sentir as lindas borboletas de que tanto falam? O que ficou provado da vida que levei se não há nada conquistado para ser deixado para trás em meu nome?

Eu percebi que o meu maior medo na vida é morrer sabendo que não vivi, ou que vivi sem o amor que me foi prometido. Partir, não ser esquecido, mas sim, não ter sido eu.

Este é só o fim do começo.

Ainda não assumi meu nome social, mas minha música favorita quando mais novo era Sonho de Ícaro. Tenho 19 anos e sou do interior de São Paulo, venho trabalhando na minha escrita e tenho como objetivo me formar na área de linguística, para trabalhar com escrita e redação.

Comecei a escrever minha primeira história com intenção de publicar em formato de livro aos 14 anos, e hoje estou tentando terminar de escrever alguns dos meus livros de ficção, romance e aventura.

Minha forma favorita de me expressar é através da escrita, sempre foi um meio de desabafo e conforto, meus mais de 60 poemas são cheios disso e espero logo poder compartilhar isso com o público leitor.

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 114

NBaby
(Para dançar minhas memórias)

Dayo do
Nascimento

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8

ISSN: 2764-8133

A imagem mostra uma folha de caderno com duas colagens. Uma é um desenho de um patins azul, com a frase “eu nasci assim, media – 0,46cm e pesava: 2.800. Tinha olhos – castanhos e cabelos castanhos. Acharam que eu parecia com papai”. Logo abaixo, há uma foto com quatro pessoas, duas adultas e duas crianças. Entre as imagens, há um post-it com a frase “nbaby para dançar minhas memórias”.

A imagem mostra um reflexo desfocado de dois pés, de frente, com um retrato pequeno em formato hexagonal de um bebê entre eles.

2023
V. 4 // N. 8
pg. 120

A imagem mostra parte de um corpo com a sigla "NB" escrita logo acima de uma tatuagem de algo semelhante a uma flor. Ao lado da sigla desenhada, há uma foto 3x4 de uma criança.

ISSN: 2764-8133

A imagem mostra uma foto revelada de uma criança de cabelos lisos e vestido claro, em cima da foto há uma vegetação seca e triturada de cor verde que contorna a figura da criança.

2023
V. 4 // N. 8
pg. 124

A imagem mostra o que parece ser a parte superior de uma porta aberta com um cordão de barbante azul e vermelho preso ao topo, segurando uma foto pequena de uma criança.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 125

DAYO NASCIMENTO

Dayo do Nascimento é transmasculino, multiartista e produtor cultural. Nascido na periferia de Manaus /AM, graduado em Fotografia e integrante do projeto de extensão e coletivo Campo Experimental da Imagem - UERJ. Sua pesquisa artística tem abordagem nas relações dissidentes de raça, gênero, sexualidade com interesse em experimentações artísticas a partir das relações de memória, temporalidade, onde utiliza como suporte os álbuns de família, memórias orais e ficções decoloniais.

ISSN: 2764-8133

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 126

Ensaio sobre coragem

Frederico Alves
Líryan Faria

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 127

Existe um documentário chamado “Olhos Azuis”. Ele acompanha uma professora e socióloga norte-americana chamada Jane Elliot. Nele, a professora Jane apresenta um questionamento para o público de uma palestra composto majoritariamente por pessoas brancas. Ela diz:

– Quero que toda pessoa branca nesse auditório, que gostaria de ser tratada da mesma maneira que a sociedade trata os cidadãos negros, levante-se.

Ninguém se levanta e ela insiste:

– Vocês não entenderam. Se vocês, brancos, querem ser tratados do modo como os negros são tratados em nossa sociedade, levantem-se. Ninguém se levantou! Isso deixa claro que vocês sabem o que está acontecendo. Vocês não querem isso para vocês. Quero saber, então, por que aceitam isso e permitem que aconteça com os outros?

A situação é autoexplicativa. Assim como os brancos sabem o que acontece e como os negros são tratados em nossa sociedade, pessoas CIS sabem como pessoas trans são tratadas e não fazem nada, permitindo que o horror continue acontecendo.

A diferença entre o preconceito vivido por uma pessoa negra e uma pessoa trans (branca) é que, por algum tempo, de alguma forma, a pessoa trans consegue viver

no armário, já a pessoa negra não, pois a cor de sua pele, motivo pelo qual a discriminam, é visível desde o seu nascimento.

Por outro lado, quando a pessoa trans (branca) se pare para a sociedade, família, amigos, trabalho, relações, ela deixa aquela caixa desconfortável em que vivia de angústias e passa a ser rejeitada em absolutamente todos os lugares por onde passa, vivendo uma nova espécie de angústia.

Seu “defeito humano” passa a ser visto. A pessoa trans passa a ser uma expressão de si, uma reivindicação de si mesma enquanto pessoa que se reconhece e se reafirma no meio em que se encontra, gritando ao mundo que a humanidade é, também, para corpos que não estão condicionados a uma moral social de controle.

Então, sobre a forma que pessoas trans são tratadas, notadamente, pessoas trans pretas, quem gostaria de ser tratado como uma pessoa trans? Se não quer ser tratada como uma pessoa trans e não se manifesta contra, então, como dizer que você não contribui para os assassinatos e todas as demais violências vividas por uma pessoa trans? Aqui surge uma questão importante, que é uma consciência lógica nos tratamentos sociais e de como eles se estruturam e a quem eles asseguram privilégios. Afinal, ser a pessoa CISgênera que não

quer ser tratada como a sociedade trata pessoas transgêneras, e não tomar uma frente ativa na mudança deste tratamento, significa ser a pessoa que se beneficia da transfobia e quer, exatamente, se manter neste local de privilégio – que é análogo ao ponto de privilégio social experimentado pelas pessoas brancas em uma sociedade que sustenta e mantém o racismo.

Ouvi um podcast sobre a coragem que pessoas trans têm por assumirem quem são, o quanto as pessoas sempre dizem "nossa, você tem muita coragem". Mas, nem sempre, se trata de coragem! Ou ao menos da noção comum de coragem, onde alguém realiza um ato que não tinha ou que não precisava realizar.

Acredito que essa coragem que pessoas CIS admiram é bastante reveladora. Essa "admiração" mostra a violência que pessoas trans vivem, a opressão que sofremos diariamente pela sociedade de forma geral, mas, sobretudo, dentro da família. Existem outros desdobramentos dessa violência, por assim dizer, na escola, no trabalho, nas rodas de amizades, nas festas em geral, inclusive no carnaval, a festa mais democrática do país, onde se comemora a liberdade.

É revelador porque deixa nítido que todos sabem dessas violências que pessoas trans passam, contudo, não fazem absolutamente nada para impedir que continuem.

Muitas vezes contribuem rindo com as piadas maldosas, desqualificando a existência da sigla T do arco-íris, que muitas vezes tem apenas a cor cinza para as pessoas trans envolvidas.

Quando na igreja se diz que “isso é coisa do demônio”, ou “você vai pro inferno se fizer isso” cada palavra está condenando uma pessoa trans a morte, a expulsão de suas casas, à marginalidade, à prostituição, ao vício... Se não há acolhimento nem no seio familiar, não será na rua que vamos encontrar abrigo. Esta postura, sórdida e que desumaniza as pessoas pelas suas expressões de gênero e construções sociais, ainda reforça a construção de uma sociedade normativa onde toda pessoa que transgride, comprometendo as estruturas de poder e controle, precisa ser rapidamente exterminada.

Quando do início da luta antirracista, se analisarmos o discurso dos racistas, vamos encontrar inúmeras semelhanças com o discurso anti-trans. É possível ver isso em relação a linguagem neutra, ou sobre educação sexual nas escolas, com as seguintes frases “estão querendo doutrinar nossas crianças”, “estão querendo ensinar sexo as nossas crianças”, ou ainda “nossas mulheres vão correr riscos”.

O uso do banheiro público é um campo de guerra quando se fala em uso não-binário ou mesmo quando se fala que

mulheres trans devem ter o direito de usá-los. Exatamente da mesma forma que no passado se privava pessoas pretas de frequentar os mesmos banheiros das pessoas brancas, ou dos impedimentos legais dos casamentos inter-raciais, ou mesmo da aceitação legal de situações de escravidão. A guerra e o ódio contra as pessoas trans na atualidade nada mais é do que uma reinvenção do ódio racista do passado.

Variantes dessas frases citadas acima e manifestações de ódio eram ditas para e sobre pessoas negras quando começaram a reivindicar o direito de frequentarem escolas nas mesmas condições que pessoas brancas faziam, ou de sentar em lugares não marcados nos ônibus, ou de não terem que beber água em bebedouros “exclusivos” para pessoas negras. Quem não se lembra da forma animalesca com que homens negros eram tratados quando se relacionavam com mulheres brancas? Hoje um paralelo direto para quando um homem cis branco se relaciona com uma mulher transgênera. Não que isso seja muito diferente dos tempos atuais, mas, ao menos hoje, temos leis que garantem certa proteção contra o racismo, embora haja muito a melhorar.

Entram em cena as terfistas (expressão usada na língua inglesa para se referir às feministas radicais trans-excludentes - Terf´s), que insistem em desrespeitar e agir de forma extremamente violenta dizendo que mulheres trans querem usar banheiros femininos para

abusar de mulheres CIS. Esse argumento, além de ser uma grande falácia, serve apenas para propagar o ódio e o preconceito com pessoas trans. Aqui precisamos dizer que sequer existem estatísticas de mulheres trans agredindo mulheres cis em espaços femininos.

Pelo contrário, o que existem são diversos relatos e casos de mulheres trans impedidas de usarem o banheiro e até mesmo lésbicas cis com corpos não normativos ou com estética “caminhoneira” relatando agressões que sofrem de outras mulheres cis em espaços femininos. Sejam agressões verbais, psicológicas ou mesmo físicas, todas as estatísticas expõem uma realidade que não se sustenta no discurso terfista.

Podemos fazer as mesmas analogias com pessoas PcD´s, indígenas, imigrantes e refugiados. O discurso é sempre o mesmo, sempre tentando não conceder direitos às pessoas desprovidas de dignidade, de saúde mental e física, de bem-estar social, sobretudo, desprovidas de identidade e, por isso, não são reconhecidas como seres humanos. São pedaços de coisas jogados aos cães, aos leões. E, mais uma vez, ninguém se importa. Ainda que essas pessoas tenham mães, pais, irmãos, tios e avós, amigues, namorades, empregos. Nada se sustenta quando a pessoa trans fala que é trans, ou quando descobrem (sabe-se lá como).

Sim, há muita coragem em ser uma pessoa trans, porém, depois que se revela ao mundo sua transgeneridade, tudo aquilo que se tinha como certo, conhecido e definido, sua vida se desintegra. Como num passe de mágica (uma mágica às avessas) Cinderela perde seu sapato de cristal, que nunca mais será encontrado, e o príncipe se transforma num sapo, e passa a ser visto como um ser repugnante. Com isso, como não dizer que a sociedade escolhe os corpos que irá amar? Escolha que é feita a partir da construção de uma estética normativa, cis e direcionada ao ideal religioso de perfeição: o homem branco vitruviano, que é relatado como "imagem e semelhança" de um ente divino. Se o homem branco cis é a imagem humana próxima de Deus, tudo que for diferente deste "modelo ideal" perde humanidade em uma linha onde quanto mais distante do "modelo ideal" menos humano.

Por outro lado, ou se perde tudo o que se conheceu até aquele momento, ou é a morte, literalmente. As taxas de suicídios entre pessoas trans são extremamente alarmantes e acima da média entre pessoas CIS, especialmente, entre homens trans. Paulo Vaz foi suicidado por conta dos ataques de pessoas CIS do próprio meio LGBTQIAP+. Em sua maioria, não foram pessoas heteronormativas que o atacaram nas redes

sociais com a mais perversa transfobia. Os ataques partiram, principalmente, mas não só, de drag queens, homens gays, lésbicas, pessoas bi, e, claro, feministas radicais trans-excludentes/terfistas. Entretanto, o que une todas elas é o fato de serem CIS. E esse é apenas um caso dentre tantos outros que sequer ficamos sabendo, afinal, não é possível seguir apenas confiando na coragem de ser, se o mundo nega te reconhecer como você é.

À pessoa CIS, ser, estar e permanecer não é negado, ao contrário, existem incentivos diários com frases motivacionais como “você pode ser quem você quiser”, e nas entrelinhas entendemos “mas não seja uma pessoa trans, ou negra, ou indígena, ou PcD, ou ribeirinha, imigrante ou refugiado, amarela, moradora de favela, pessoa pobre, apenas seja e se mantenha dentro do padrão produtivo e reprodutivo que queremos”.

Então, pessoas CIS, incluindo pessoas CIS LGB e heteronormativas, este não é um texto emotivo, é um texto sobre direitos negados, sendo o direito de existir o principal, logo, quero saber, vocês gostariam de serem tratados como a sociedade trata as pessoas trans?

2023
V. 4 // N. 8
pg. 135

FREDERICO ALVES

Frederico Alves é bacharel em direito (em breve advogado trans) e professor de séries iniciais.

LÍRYAN FARIA

Líryan Faria é professora de Filosofia e especialista em Gestão de Educação. Também atua como programadora.

ISSN: 2764-8133

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 136

Eu ainda estou aqui

Força

Lágrimas coloridas

Tales
Henriques

ISSN: 2764-8133

FORÇA
TALES
BUFFONE
21/1/2023

2023
V. 4 // N. 8
pg. 138

"Depois de um ano sem desenhar ou pintar, após sofrer transfobia e entrar num processo depressivo, nasceu a obra "Força", que retrata a necessidade de continuar. Desistir não era uma opção." escreve Thales Henrique.

A imagem mostra o desenho de uma pessoa chorando, com cabelo azul e lágrimas nos olhos, brincos e um colar. No canto direito, há a palavra "força", e, no canto inferior direito, há as inscrições "Tales Buffone 1/1/2023".

ISSN: 2764-8133

Eu Ainda
Estou
Aqui!
Tales Buffone
04·01·2023

"Desenho feito durante uma madrugada logo após ter conseguido chorar pela segunda vez desde que foi iniciado o uso de testosterona pelo artista. A partir daí, travou-se uma batalha interna contra os pensamentos suicidas e a necessidade de permanecer vivo, tanto por ainda ter uma fagulha de esperança na vida, quanto pela necessidade de resistir pela sua comunidade." escreve Thales Henrique.

A imagem mostra o desenho de uma pessoa transmasculina chorando, com lágrimas caindo dos olhos e sangue saindo da região peitoral. A pessoa possui um colar, cabelo rosa e brincos. No canto superior direito, há a frase "eu, ainda, estou aqui". Logo abaixo, há um coração rosa partido. No canto esquerdo, há as inscrições "Tales Buffone 04/01/2023".

DESCRIÇÃO DA IMAGEM

ISSN: 2764-8133

“Pintura em aquarela feita antes de seu questionamento acerca de sua identidade de gênero, durante um processo de depressão. Poucos meses depois, foi internado numa clínica psiquiátrica.” escreve Thales Henrique.

A imagem mostra o desenho de uma pessoa sentada, com uma mão apoiando-se atrás e outra na cabeça. A pessoa está colorida em aquarela em diferentes cores, frias e quentes, dos pés à cabeça, e está chorando. No canto inferior direito, há as inscrições “Buffone 2014”.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 143

TALES HENRIQUE

Transmasculino e Artista visual independente, utilizou-se da arte como meio de expressar a solidão da sua transmasculinidade.

ISSN: 2764-8133

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 144

Ser ou Não Ser

A ausência de representatividade transmasculina no audiovisual e a importância da construção de políticas de Diversidade e Inclusão

João Andrade

ISSN: 2764-8133

"If she can see it, she can be it". Esta frase é o leitmotiv do Geena Davis Institute on Gender in Media[1], instituto fundado pela atriz Geena Davis com o intuito de trazer dados quantitativos e qualitativos sobre a presença e, sobretudo, como mulheres são retratadas na mídia de forma geral: publicidade, cinema, televisão e atualmente games. Trago o Instituto mesmo focando em mulheridade por dois motivos: o primeiro óbvio, a ausência da transmasculinidade e pessoas não binárias, compreendemos o foco na mulheridade, entretanto ao trazer recortes interseccionais entre raça, orientação sexual, ageismo, pessoas transsexuais - senão mulheres trans- não são contempladas, ou seja são apagadas e quando não se tem dados é bastante complexo colocar holofotes em políticas para estes grupos.

Em que pese a falta de inserção da transmasculinidade, o mote e a importância do Instituto não podem ser ignoradas. A frase "carro chefe" é boa e pode ser adaptada por qualquer minoria. Meninos cisgenero tem uma vasta gama de representações na mídia, sem veem como heróis (seja eles fantásticos como Super Homem, até bombeiro), como profissionais bem sucedidos (médicos, advogados, etc), ao passo que as meninas são salvas pelos heróis ou "donas de casa". À partir desta premissa outras pesquisas foram feitas com recortes diferentes, inclusive usando raça e o Brasil participou com o grupo de pesquisa Gemaa[2] para os dados sobre como as pessoas negras eram representadas na televisão e cinema e como se viam nestas representações.

1. Institute Geena Davis in Media on Gender. Disponível em: https://seejane.org/ . Acesso em 10/04/2023

2. SMITH, L. Stacy, PIEPER, Katherine. Gender without borders. An investigation of female characters in popular films across 11 countries. Disponível em: https://seejane.org/wp-content/uploads/gender-bias-without-borders-executive-summary.pdf . Acesso em 10/04/2023.

ISSN: 2764-8133

Somos bombardeados diariamente com conteúdo audiovisual, do vídeo do tiktok, passando pela propaganda até a série da Netflix. Como nos vemos? Como somos retratados? Mas a pergunta mais importante é: quem nos retrata?

E isto importa? Muito. A jornalista Jessica Nordell em seu livro "The End of Bias. Can We Chance Our Minds?" persegue o tema do "viés inconsciente" através de vastas pesquisas produzidas em campos como sociologia, psicologia com o intuito de demonstrar como as construções são prejudiciais. Diz ela:

> "a ideia de viés implícito indica que o viés funciona como um circuito e este circuito começa quando absorvemos "conhecimento cultural" do mundo ao nosso redor, como nossas famílias, a midia, nossos colegas de sala, nosso vizinhos nos mostram informações sobre diferentes grupos" (tradução e grifos do autor) [3]

Se homens cisgêneros são sempre retratados como fortes, protetores, heróis, meninos terão estes modelos como padrão para seguirem. Se trans masculinos são invisíveis, como saber primeiro, que eles existem e segundo, ao descobrir que existem, como construir um modelo de masculinidade que não seja calcado no modelo de masculinidade padrão?

3. NORDELL, Jessica, The End of Bias. Can We Change Our Minds?Londres, Granta Publication, 2021, p. 45

ISSN: 2764-8133

No Brasil na década de 80 o referencial de pessoas transsexuais na televisão eram Roberta Close e Rogéria -Close inclusive foi covardemente tratada com enorme desrespeito pelas emissoras com perguntas invasivas - e inexistia uma figura transmasculina. A primeira referência clara no audiovisual brasileiro trata-se de um filme roteirizado por um homem cisgenero, protagonizado por uma mulher cisgenero interpretando um transfake. "Vera" de 1986 traz a atriz Ana Beatriz Nogueira como personagem principal, o longa é baseado no livro "A Queda Para o Alto", autobiografia de Anderson Hertz, um homem trans. O filme foi muito bem de críticas e rendeu à atriz o prêmio no Festival de Berlim. Curioso notar que pessoas cisgenero quando interpretam pessoas transsexuais chegam ao Olimpo da atuação, colecionando prêmios. Uma década depois é a vez de Hillary Swank atingir o estrelato e ganhar um Oscar interpretando um transfake, Brandon Teena, em Meninos Não Choram (1999), dirigido e roteirizado por uma mulher cisgenero o longa é a trágica história verídica de Teena. Quase 20 anos depois teremos na televisão brasileira a representação de um homem trans, novamente interpretado por uma mulher cisgenero: Ivan, personagem de Carol Duarte, na novela "A Força do Querer" de Glória Perez. Uma trama cheia de drama, Ivan é rejeitado pela família, espancado e já em transição engravida do namorado.

ISSN: 2764-8133

Sabemos que corpos dissidentes estão sendo constantemente violentados[4], entretanto será esta a única narrativa que merecemos? Trans Masculinos alternam entre a total ausência de representação para violência como única história possível. Há a total ausência de afetos, ou quando há, não somos merecedores e finais trágicos como "Meninos Não Choram" são os que nos restam. Como tais narrativas impactam como trans masculinos se enxergam? Como isto pode afetar nossa auto estima? Como isso afeta nossa relação com pessoas cisgenero? Se não existimos como trans masculinos se descobrindo podem se entender quando não há referencias?

Atualmente temos alguns referenciais de atores trans masculinos despontando em alguns produtos audiovisuais, entretanto isto não significa que as narrativas não deixem de ser por vezes problemáticas. Em "O Mundo Sombrio de Sabrina", Lachlan Watson é artista transmasculino não binário que interpreta Theo, sua relação com seu pai não é boa, é espancado pelo time de basquete da escola. Numa série com tamanho e alcance como esta, o lado positivo é em Theo ser um dos personagens centrais da trama e ser interpretado por artista não binário, entretanto a violência como experiência permanece. Já em "The L Word - Q Generation" as produtoras executivas e roteiristas finalmente mudam a chave da representação "queer", sobretudo a transsexual, da primeira leva de temporadas, na qual Max, um homem transgenero é desenvolvido de uma maneira bastante grosseira, para

4. BENEVIDES, Bruna. Dossie. Assassinato e Violencias contra travestis e transsexuais brasileiras. 2022. Disponível em: https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf. Acesso em 10/04/2023.

uma nova leva de personagens transmasculinos bem desenvolvidos, com dramas reais e cotidianos como qualquer outra personagem. Uma diferença, entretanto, entre as primeiras temporadas e as novas quinze anos após o lançamento da série, não pode ser ignorada: a presença de roteirista trans masculino na sala de roteiro. Voltamos à pergunta inicial: quem nos retrata? Podemos adicionar uma segunda pergunta: quem toma as decisões?

A ANCINE (agência nacional do audiovisual - responsável pelo desenvolvimento e execução da política pública federal do audiovisual brasileiro) através de seu Observatório (OCA) por dois anos (2016/2017) apresentou dados sobre gênero e raça de alguns profissionais envolvidos nas produções audiovisuais brasileiras produzidas com recursos públicos[5]. Não há dados sobre identidade de gênero da equipe. A Spcine, empresa municipal da cidade de São Paulo, responsável pelo desenvolvimento e execução da política audiovisual do município, lançou em 2016 o primeiro edital do país com cotas afirmativas para todas minorias (trans, mulheres, negros, indígenas, PcD). Tivemos entre os selecionados dois projetos de cineastas trans. Nos anos seguintes tivemos curtas de trans masculinos apoiados pelo VAI (programa municipal da cidade de São Paulo criado com intuito de apoiar financeiramente coletivos culturais do território) com temática trans como "Perifacu" (de Rosa Caldeira), entretanto nenhum longa - metragem dirigido por um transmasculino.

5. "Genero na direção de obras brasileiras veiculadas na tv paga". ICAB. Disponível em: https://icabrasil.org/2016/index.php/mediateca-reader/ancine-oca-genero-na-direcao-das-obras-brasileiras-veiculadas-na-tv-paga-2017-548.html . Acesso em: 10/04/2023

ISSN: 2764-8133

Em 2019 pela Spcine criamos a política pública mais abrangente para Diversidade, Equidade e Inclusão em audiovisual do país[6]. O desenho consistia em um tripé: financiamento das produções, capacitação/networking para os ganhadores/suplentes dentro do recorte de diversidade e difusão de obras de realizadores com recorte em gênero, raça e identidade de gênero. A parte de investimentos consistia em pontuação indutora para projetos que apresentassem como cabeças de equipe mulheres, pessoas trans e uma pontuação ainda maior para empresas com quadro societário negro. Os postos eram para direção, roteiro, direção de fotografia e pós-produção. Os três primeiros foram escolhidos pelos números do OCA, entre 19-21% de diretoras e roteiristas mulheres, 12% de diretoras de fotografia e total ausência de mulheres negras; pós produção a escolha se deu em conversas com entidades e pessoas do setor que relataram a falta de oportunidades para mulheres neste ofício. A opção por pontuação a empresas e não profissionais negros foi feita com base em conversas com a entidade que representa os profissionais negros (a APAN), pois a justificativa é que pessoas brancas se aproveitam dos talentos negros para ganharem editais, porém quem poderá explorar as propriedades intelectuais destas histórias serão as pessoas brancas, não mudando em nada o status quo. A política afirmativa conseguiu atingir sua primeira meta anual em relação a mulheres e pessoas negras, infelizmente fracassou com pessoas trans pois sequer existia uma meta para esta população.

6. Políticas Afirmativas. Spcine. Disponível em: http://spcine.com.br/politicas-afirmativas-spcine-2/#:~:text=Lan%C3%A7ado%20em%20setembro%20de%202019,2019%20incorporam%20mecanismos%20de%20inclus%C3%A3o. Acesso em 23/04/2023.

ISSN: 2764-8133

Eu e minha equipe desenhamos a política, tínhamos alguns dados para nos basear e algumas entidades para dialogarmos e tentar encontrar um equilíbrio. Em 2019 não tínhamos uma interlocução com profissionais trans para desenharmos algo minimamente viável. O que mostra naquele momento a ausência completa da pauta nos radares públicos, algo significativamente trágico.

Em 2021 Rosa Caldeira se junta com alguns profissionais trans para criar um coletivo “Articulação de Profissionais Trans do Audiovisual” (APTA), atualmente estamos no processo de formalização da entidade com o intuito de sermos uma interlocução com o poder público para formulação de políticas públicas que façam sentido para profissionais transsexuais. De 2019 para 2023 tivemos um aumento de notoriedade de profissionais transsexuais no setor, entretanto de mulheres trans (Luh Maza, Chica Andrade, Helena Santana, Leona Jhovs, Tuba, Ale McHaddo), o que é ótimo, porém mais uma vez a ausência de trans masculinos é o silêncio que grita.

Ter entidades representativas é um primeiro passo para uma interlocução não apenas com setor público, mas com os players do mercado que possuem dinheiro e estão iniciando seus investimentos em políticas de Diversidade Equidade e Inclusão (DE&I).

ISSN: 2764-8133

Empresas de streaming possuem atualmente programas e equipes totalmente dedicadas a políticas DE&I. Netflix[7]e Amazon[8] possuem programas internos para aumento de representatividade entre seus staffs, tal mudança auxilia a mudar o olhar sobre quais devem ser as prioridades de projetos, equipes contratadas. Mais diversidade significa outros olhares para problemas e dores, como trazer novas histórias e como contá-las. Para além de programas internos, ambas empresas possuem programas com foco em capacitação e aceleração de carreiras de minorias em áreas criativas, técnicas e executivas. Paramount Plus possui programas internacionais e no Brasil possui um lab de narrativas negras[9]. A Netflix internacional é a primeira com um projeto totalmente focado em aceleração de carreira de profissionais transsexuais[10], resta saber se trans masculinos serão também olhados.

Segundo Lima e Rosa a política cultural pode assumir três dimensões: a primeira de caráter antropológico, sendo seu valor imaterial e caráter simbólico o preponderante; a segunda como produção, sendo assim o caráter econômico de geração de rendas, emprego é o elemento principal (e são algumas correntes econômicas que ditam como as políticas públicas serão tratadas, do caráter mais liberal de correção apenas a falhas do mercado, passando por um olhar desenvolvimentista

7. “Jobs in Netflix”. Disponível em: https://jobs.netflix.com/inclusion; Acesso em 10/04/2023

8. “About Amazon. Diversity and Inclusion. Disponível em: https://www.aboutamazon.com/workplace/diversity-inclusion . Acesso em 10/04/2023.

9. “Paramount lança banco de talentos inedito com o objetivo de aumentar a diversidade.Moneytimes. Disponível em: https://www.moneytimes.com.br/paramount-lanca-banco-de-talentos-inedito-com-o-objetivo-de-aumentar-diversidade-no-entretenimento/ .Acesso em 10/04/2023/

10. “Trangdender film center launches career accelerator fellowship for top trans. Netflix. Dispon´viel em: https://about.netflix.com/en/news/transgender-film-center-launches-career-accelerator-fellowship-for-top-trans . Acesso em 10/04/2023.

ISSN: 2764-8133

e por fim uma visão mais inovadora, na qual o papel do Estado é de incentivador da inovação como diferença no mercado); a terceira é de desenvolvimento social, com caráter educativo (2021). O setor audiovisual se insere dentro das três dimensões e políticas de DE&I precisam ser vistas também dentro destes mesmos espaços.

A cultura trans, seu vocabulário, sua produção são criações simbólicas e que necessitam ser olhadas como tal. Não podem ser apropriadas por pessoas cisgenero como são até hoje para um produto final que muitas vezes não traz a dimensão da vivência trans. O que nos leva à dimensão econômica. Dar possibilidade para que profissionais trans cresçam, se capacitem, sejam proprietários de suas propriedades intelectuais, aumentando sua participação no mercado, na mesa de negociações - investir em diversidade é investir em inovação ao passo que sai do espaço do tradicional status quo, muda padrões. Isto nos leva ao terceiro ponto, quanto mais histórias diversas, quanto mais narrativas que trazem pessoas trans masculinas para o quadro, mais o conjunto da população pode nos enxergar de uma outra forma, ou simplesmente nos enxergar, uma vez que somos praticamente ausentes. Nomear, conhecer afasta o medo do desconhecido. Trazer narrativas que não sejam dor e sofrimento nos humaniza, cria horizontes para trans masculinos.

ISSN: 2764-8133

O papel assim da APTA é dar insumos ao poder público para o desenho de políticas e cobrar ações para que profissionais trans possam se desenvolver como capacitação, acesso à capital, difusão dos conteúdos desenvolvidos por pessoas trans e sobretudo, no que diz respeito a trans masculinos, mostrar a importância de nos incluir dentro das políticas, lutar para que sejamos vistos e ouvidos, mostrar que trans masculinos não tem os privilégios que homens cisgenero possuem de nascença, e quando a interseccionalidade ainda é levada em conta (sobretudo raça) mais barreiras encontra. O papel do Estado é ouvir e desenvolver políticas que façam sentido, desta forma.

Iniciamos o texto mencionando a frase da atriz Geena Davis, podemos adaptá-la para nosso contexto “If he can see it, he can be it”. A inclusão de políticas para audiovisual que levam em conta a existência de trans masculinos é imperativa para construção de forma ampla de novas masculinidades, de identidades trans masculinas visíveis e sobretudo positivas para novas gerações e atuais trans masculinos que precisam se haver com a ausência quase completa de representatividade.

ISSN: 2764-8133

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"About Amazon. Diversity and Inclusion. Disponível em: https://www.aboutamazon.com/workplace/diversity-inclusion . Acesso em 10/04/2023.

BENEVIDES, Bruna. Dossie. Assassinato e Violencias contra travestis e transsexuais brasileiras. 2022. Disponível em: https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf. Acesso em 10/04/2023.

"Genero na direção de obras brasileiras veiculadas na tv paga". ICAB. Disponível em: https://icabrasil.org/2016/index.php/mediateca-reader/ancine-oca-genero-na-direcao-das-obras-brasileiras-veiculadas-na-tv-paga-2017-548.html . Acesso em: 10/04/2023

Institute Geena Davis in Media on Gender. Disponível em: https://seejane.org/ . Acesso em 10/04/2023

"Jobs in Netflix". Disponível em: https://jobs.netflix.com/inclusion; Acesso em 10/04/2023.

LIMA, Leite Luciana "Políticas Publicas da Cultura e Industrias Criativas"(p.9 a 44).In: MILLAN, Marcelo; MOELLER, Gustavo, WOBETO, Debora. Aspectos Institucionais e Tecnológicos da Cultura e da Criatividade: Políticas, Normas Legais, Direitos de Propriedades e Mudanças Econômicas. Porto Alegre, UFRGS/FCE, 2022

NORDELL, Jessica, The End of Bias. Can We Change Our Minds? Londres, Granta Publication, 2021.

"Paramount lança banco de talentos inedito com o objetivo de aumentar a diversidade.Moneytimes. Disponível em: https://www.moneytimes.com.br/paramount-lanca-banco-de-talentos-inedito-com-o-objetivo-de-aumentar-diversidade-no-entretenimento/ . Acesso em 10/04/2023/

Políticas Afirmativas. Spcine. Disponível em: http://spcine.com.br/politicas-afirmativas-spcine-2/#:~:text=Lan%C3%A7ado%20em%20setembro%20de%202019,2019%20incorporam%20mecanismos%20de%20inclus%C3%A3o. Acesso em 23/04/2023.

SMITH, L. Stacy, PIEPER, Katherine. Gender without borders. An investigation of female characters in popular films across 11 countries. Disponível em: https://seejane.org/wp-content/uploads/gender-bias-without-borders-executive-summary.pdf . Acesso em 10/04/2023.

"Trangdender film center launches career accelerator fellowship for top trans. Netflix. Dispon´viel em: https://about.netflix.com/en/news/transgender-film-center-launches-career-accelerator-fellowship-for-top-trans . Acesso em 10/04/2023.

João Andrade é Diretor Executivo na produtora Coração da Selva. Foi gestor público por 5 anos na Spcine (empresa municipal do audiovisual do município de São Paulo), onde foi Diretor de Desenvolvimento Econômico e Políticas Públicas de Audiovisual e responsável pela elaboração e implementação de políticas de diversidade e inclusão pioneiras para as políticas de audiovisual no país. Fundou o MAB (Mulheres e Dissidências de Gênero do Audiovisual Brasil) rede com mais de 20 mil profissionais do audiovisual em 2015 e se afastou em 2023. Atualmente é do Conselho Consultivo da APTA (Associação de Profissionais Trans do Audiovisual). Trabalha com Economia Criativa há 16 anos, tendo passado pela administração publica, privada e terceiro setor. É Pós Graduado em Estéticas Tecnológicas pela PUC-SP e atualmente é mestrando do programa em Economia com ênfase em Economia Criativa da UFRGS em parceria com o Observatório do Itaú Cultural.

JOÃO ANDRADE

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES

2023
V. 4 // N. 8
pg. 158

Os livros sobre mim contém espirais demais para seguir cis-temas cronológicos

Alex Pontes/
ALEXPIRAL

ISSN: 2764-8133

ISSN: 2764-8133

IMAGEM DE ALEX PONTES

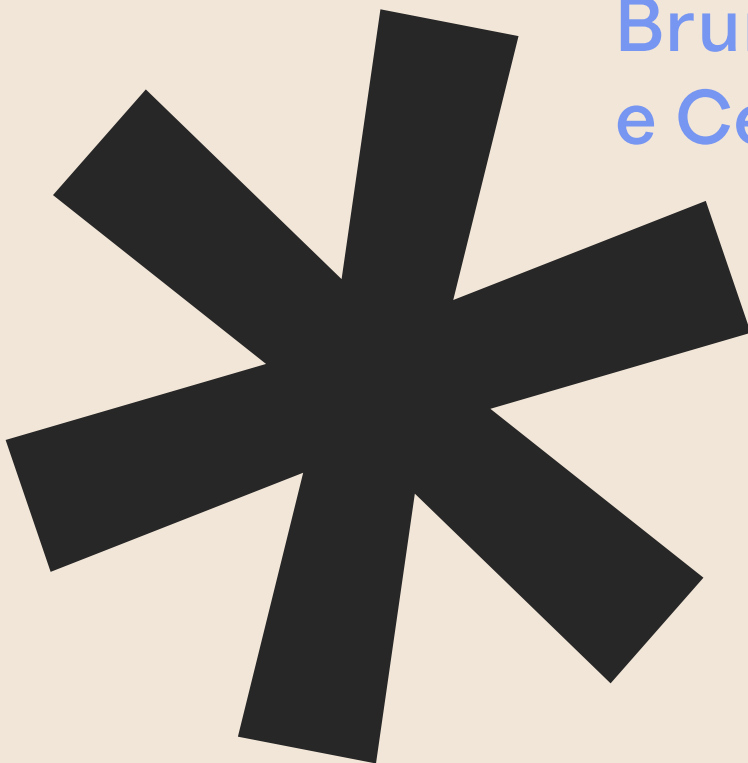
A imagem mostra o desenho de uma pessoa de lado, de cabelo preto, óculos, barba preta, brinco azul, colar azul e preto e camisa com listras brancas, azuis e rosa; a pessoa está com a cabeça reclinada, lendo um livro com as mesmas cores da camisa. Na página aberta do livro, há uma espiral branca. O fundo da imagem é branco e contém a frase "os livros sobre mim contém espirais demais para seguir cis-temas cronológicos". A palavra "cis" está vermelha e rasurada, e as outras palavras estão em preto.

2023
V. 4 // N. 8
pg. 161

ALEX PONTES

Do verbo passarinhar, arteyre, transmasc não-binário, antifa, anarco relacional, não-mono, psicólogo especialista em Fenô Existencial Humanista e Arteyre de freelas na Transformarte (@trans_formarte)

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8

Almejamos, neste breve ensaio, entrelaçar o conceito de corponormatividade (MELLO & NUERNBERG, 2013) às noções de cisnormatividade e de inscrições corporais. A partir de nossas experiências com modificação corporal, acesso ao processo transexualizador e a espaços institucionalizados de produção de conhecimento – ou seja, as universidades –, trataremos sobre como ser um corpo trans desafia as noções de normalidade corporal e transformação da corporalidade; trataremos sobre como ser um corpo modificado produz-se a si mesmo, ao mesmo tempo em que faz refletir em outros corpos sua desnaturalidade. Elaboramos este ensaio por meio da seguinte hipótese: o saber moderno institucionalizado produz patologização e criminalização de certas inscrições corporais, assim como de identidades trans, e tais processos de patologização e criminalização ocorrem concomitantemente à manutenção das governanças sociais e institucionais (DE MORAES, 2019). A afronta à corponormatividade é um desafio às governanças, assim como à cisnorma e às instituições modernas que propagam diversas formas de opressão.

ISSN: 2764-8133

Adotamos uma definição de inscrição corporal semelhante ao que Featherstone (1999, p. 01, tradução nossa) compreende como modificação corporal, que abrange "uma longa lista de práticas que incluem a colocação de piercings, tatuagens, marcas, cortes, ligaduras e implantes para alterar a aparência e a forma do corpo [...] ginástica, musculação, anorexia e jejum". Contudo, nem todas as modificações corporais são patologizadas, criminalizadas ou demonizadas, ao passo que outras são – especialmente quando praticadas por corpos negros e indígenas e gênero-dissidentes. Nem todas as inscrições corporais são concebidas como modificações, pois podem ser naturalizadas, tidas não como uma transformação do corpo, mas como a manutenção de algo que já deveria ser feito de todo modo. Assim, tratamos de inscrições corporais, em geral, como modificações corporais patologizadas, criminalizadas ou demonizadas. E há inscrições corporais que, embora não necessariamente transformem o corpo, acabam por transformar a corporalidade – como a 'transição social' de pessoas trans, que podem não realizar modificações no próprio corpo.

Corpos trans seriam, portanto, corpos inscritos – ou, em lógica inversa, corpos que se recusam a se inscrever em determinada normatização, e que ativamente se desinscrevem de um patamar de naturalidade. Dentre corpos inscritos, temos tanto

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 165

pessoas que se modificam com técnicas de escarificação, perfurações, tatuagens, como pessoas trans, que podem modificar seus corpos, sua leitura social etc. Procedimentos de afirmação de gênero, de ruptura com a cisnorma ou com a heterossexualidade, se percebem sujeitos à patologização pela biomedicina modern, à criminalização pelas jurisdições que se outorgam a capacidade de determinar a legitimidade de certas corporalidades e a marginalidade de outras. Nos servimos de tais inscrições como instrumentos de análise para compreender a institucionalização das normativas, que se traduzem em governanças.

Se a significação de toda inscrição corporal, de todo saber e narrativa, se complexifica a partir de seu meio (BAKUNIN, 2004), seria imprudente desvincular sua patologização/criminalização das legislações modernas/coloniais, do saber médico/psiquiátrico e das governanças sociais e institucionais; seria um equívoco ignorar a generificação e racialização dos corpos - que atravessa a distribuição moderna de poder enquanto colonialidade - como eixo fundamental de patologização e criminalização das inscrições corporais.

O ideal de corporalidade estabelecido na modernidade, como apontado por Grosfoguel (2016), se sustenta em dinâmicas de exclusão e institucionalização - exclusão de corporalidades não-brancas / heterossexuais / masculinas / proprietárias, e institucionalização da circulação de poder nas mãos

ISSN: 2764-8133

dos indivíduos considerados ideais. Ao demonstrarmos autonomia sobre nossas corporalidades, afrontamos o ideal de corpo moderno e sua corponormatividade.

Corponormatividade é um conceito desenvolvido por Mello & Nuernberg (2013, p. 06) para designar uma norma "que considera determinados corpos como inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação quando situados em relação aos padrões hegemônicos funcionais/corporais". Ou seja, corpos com deficiência, corpos trans e corpos modificados, quando associados a certo caráter de bizarro ou patológico, não se enquadram em uma corponormatividade. A corponormatividade é um conceito abrangente de todas as possíveis corporalidades que não correspondam ao homem cis, branco, heterossexual, sem deficiência, ensossexo, dentre outras tantas naturalizações; e sua manutenção depende da aliança firmada entre as governanças sociais e institucionais.

Antes de adentrarmos na questão das governanças, é interessante realizarmos um breve histórico sobre a patologização, criminalização e demonização de inscrições corporais na modernidade.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 167

DEMONIZAÇÃO, CRIMINALIZAÇÃO E PATOLOGIZAÇÃO DE INSCRIÇÕES CORPORAIS NA MODERNIDADE

Uma modificação corporal pode ser caracterizada por qualquer transformação da forma do corpo, de sua forma anteriormente percebida, variando desde transformações da massa muscular até implantes subcutâneos. Todo corpo, em qualquer meio social e temporalidade, se inscreve, pois se afeta de acordo com seu meio. Somos inscritos em determinados ideais de corporalidades até que rompamos com elas - o que desemboca em marginalização -, ou que as reforcemos. Tal possível ruptura contém em si o exercício de autonomia, e a toda forma de autonomia a retroativa institucional é violenta.

A partir da segunda metade do século XX, houve um crescimento, em sociedades ocidentais, ou de práticas de inscrição corporal consideradas extremas e das consideradas convencionais, ou da visibilização dessas práticas. Assim, certas modificações passaram a ser consideradas como aberrantes e outras, como naturais (MARTIN & FEATHERSTONE, 1999). Durante as décadas de ‘70 e ‘80, tatuagens e perfurações se popularizaram. Na década de ‘90, cirurgias estéticas ganham maior projeção em Estados Unidos e Europa. Neste mesmo período, a transexualidade recebe maior midiatização, tendo sua categorização diagnóstica marcada

ISSN: 2764-8133

pela publicação do livro O Fenômeno Transexual, em 1966, pelo endocrinologista Harry Benjamin. Em períodos e contextos similares, as práticas de inscrição corporal consideradas extremas se tornam alvo de patologização e categorização, e a transexualidade é institucionalizada enquanto patologia em medicina/psiquiatria.

Essa sincronicidade não é por acaso: se todo corpo constitui-se em relação a seu meio, em sua relação com outros corpos, então toda inscrição corporal possui como aporte a generificação e a racialização dos corpos - a normatização dos corpos, trazendo novamente o conceito de corponormatividade -, de modo que não se possa se inscrever ou desinscrever sem se posicionar em relação a estes marcadores propriamente modernos. Inscrevemos nossos corpos a partir das significações que nos são atribuídas, e com isso Braz (2006) aborda a marginalização de determinadas inscrições: se as inscrições aceitas são cirurgias e procedimentos menores em vias de embelezar o corpo, comumente atrelados a reafirmação de gênero - como, por exemplo, os corsets ingleses -, as inscrições não aceitas são aquelas que rompem com modelos estéticos vigentes, tais como cirurgias de “mudança de sexo”. A não-aceitação de determinadas inscrições interfere em sua criminalização (MELO, 2019).

ISSN: 2764-8133

O procedimento de bifurcação da língua, por exemplo, somente poderia ser realizado mediante o uso de certos instrumentos, como bisturis; o uso de bisturis deve ser mediado por conselhos de medicina. E profissionais da medicina se recusam a realizar bifurcações da língua. Ou seja, indivíduos que desejem se submeter a este procedimento devem recorrer à ilegalidade:

> Cortadores underground são comumente mais experientes nas especificidades destes procedimentos exóticos e estão cientes das complexidades que os médicos nunca perceberiam – curar uma ferida aberta simplesmente não é o objetivo da maioria dos médicos. (LARRAT, 2008, p. 154, tradução dos autores)

Embora sejam mais capacitados e experientes nestes procedimentos, cortadores underground têm sua capacidade prática deslegitimada pela regulamentação biomédica, ao mesmo tempo em que têm sua possibilidade de prática inviabilizada por esta mesma regulamentação. De modo similar, a ilegalidade se faz presente dentre pessoas trans que desejam proceder com modificações corporais pela utilização de hormônios ou de outras substâncias. O acesso a hormônios é burocratizado e dificultado, não pela preocupação de profissionais da saúde em cuidar de nós e nos atender, mas pela invalidação de nossas identidades - ao se determinar uma maneira "verdadeira" de ser trans.

ISSN: 2764-8133

A burocratização do acesso à saúde se traduz como práticas de exclusão. Preciado (2018) satiriza esse [des]acesso ao expor sua própria experiência com o uso de testosterona. Na bula do hormônio, se lia que mulheres deveriam evitar o contato com a substância. Em nossa experiência, temos que o cipionato de testosterona (deposteron), distribuído por EMS sigma pharma LTDA, e o undecilato de testosterona, distribuído pela Eurofarma, informam, em suas bulas, que a substância não deve ser utilizada por mulheres. Evidentemente, não se demarca se essas mulheres seriam cis ou trans. Se a transexualidade é nomeada e categorizada em manuais diagnósticos, a cisgeneridade não é considerada como existente, não é recebida como conceito, ou seja, é naturalizada, deslocalizada e universalizada em medicina/psiquiatria.

O acesso à testosterona somente se dá por meio de receituário médico. Estes mecanismos de regulação sobre transformações corporais se mascaram sob a premissa do cuidado, mas reproduzem a tutela - em vez de se prezar por nossa autonomia, se cerceiam as possibilidades de autodeterminação e afirmação de gênero, tal como ocorre com a patologização e criminalização de práticas de inscrição corporal. É nítido que corpos trans se deparam com maiores

ISSN: 2764-8133

dificuldades para acessar hormonização do que pessoas cis que desejem fazer reposição hormonal, como ocorre comumente com mulheres cis na menopausa. Ou seja, se nos movimentamos para reforçar a norma, não enfrentamos deslegitimação, nossas escolhas não são questionadas; mas quando rompemos com a corponormatividade, ao recusarmos nossa inscrição normativa, passamos por um longo processo de questionamento sobre nossas escolhas - "tem certeza? quer mesmo fazer isso? e se você se arrepender? não acha melhor esperar um pouco mais para se decidir?"

Além de se direcionar aos indivíduos que praticam inscrições corporais "por fora", como com cortadores underground, a criminalização se direciona também a profissionais da saúde que desobedecem a cisnorma, como bem relata Benjamin Neves (2016, p. 167):

> A história do primeiro homem trans a ser operado no Brasil acontece justamente no final da década de 1970. Vale lembrar que, naquela época, as clínicas e os hospitais ainda não estavam liberados para fazer esse tipo de cirurgia, e os médicos que se propunham a realizá-las eram considerados mutiladores, a ponto de o médico que operou João W. Nery, primeiro homem trans auto declarado brasileiro, chegar a ser indiciado por lesão corporal por outras cirurgias de "mudança de sexo".

Em geral, a criminalização de inscrições corporais que desobedecem a cisnormatividade e a corponormatividade

pode ser identificada em inúmeras práticas assimiladas ao exercício ilegal da medicina. A colonialidade do saber (MALDONADO-TORRES, 2018) se exprime pelo controle que a medicina institucionalizada detém sobre a autonomia corporal de indivíduos que não se sujeitam às normativas corporais naturalizadas. Pelo vínculo entre a colonialidade do saber e a opressão intelectual (BAKUNIN, 1975) se garante a naturalização da corponormatividade, e consequentemente da cisnorma. A opressão intelectual é, segundo Bakunin, a mais difícil de se combater, pois infere sobre a capacidade de pensar. Determina-se, por vias institucionais, quais indivíduos seriam capazes de realizar modificações, de se inscrever ou inscrever outros corpos, de produzir conhecimento sobre experiências alheias.

Sendo assim, as inscrições corporais não-normativas se configuram como formas de se desinscrever e reinscrever; são formas que se deparam com patologização e criminalização, tanto por parte do corpo inscrito como do corpo que inscreve. A patologização e a criminalização de inscrições corporais operam em conjunto com racismo/sexismo epistêmico, com a institucionalização da produção de conhecimento e com as governanças sociais e institucionais que elaboramos a seguir. Compreendemos que o que garante a manutenção de violências epistêmicas é sua institucionalização - tal como ocorre com a institucionalização das práticas de inscrição corporal. Vejamos, portanto, o enlace entre as governanças sociais e institucionais no que se refere à autonomia corporal.

ISSN: 2764-8133

GOVERNANÇAS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS COMO NATURALIZAÇÃO DA CORPONORMATIVIDADE

A patologização da transexualidade e a criminalização de existências trans andam de mãos dadas, sendo atravessadas por duas violências centrais: racismo e sexismo. Sendo enquadrada como categoria diagnóstica a partir da segunda metade do século XX, a transexualidade se institucionalizou com sua inserção no Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), e no Código Internacional de Doenças (CID), publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), assim como no Standards of Care (SOC), publicado pela Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association.

Desde a década de 1950, a institucionalização da transexualidade enquanto patologia expressa uma falácia, tal como escrevem Bento & Pelúcio (2012, p. 578): "o DSM-IV, o CID-10 e o SOC são falaciosos e produtores institucionais de identidades abjetas". O saber biomédico e psiquiátrico que patologiza a transexualidade também patologiza práticas variadas de inscrição corporal. Assim, como situa Melo (2019, p. 85-86), "qualquer tentativa de criminalização, na perspectiva dos profissionais da modificação, está ligada a uma proibição estética fundamentada em um moralismo que define uma normalidade corporal". Em outras palavras, a falácia produzida

por DSM, CID e SOC segue um moralismo que define uma normalidade corporal - ou uma corponormatividade -, que, em nossa perspectiva, está alinhada aos pressupostos modernos de um corpo ideal - branco, heterossexual, cisgênero, masculino, sem deficiência, dentre outros marcadores. A proibição estética referida por Melo é identificada por De Moraes (2019, p. 19) como uma governança estética-produtiva, que "privilegia os corpos "perfeitos" e oprime os obesos, deficientes físicos [sic] etc.". Tal governança opera em relação à governança capitalista, que valoriza a produtividade em detrimento da liberdade, ou mesmo da vida.

Governanças seriam forças institucionais que nos alocam em posição de governados, e que garantem que outros ocupem posição de governantes pela manutenção do Estado e de suas instituições. As governanças sociais seriam aquelas que inferem diretamente sobre o tecido social, sobre as relações interpessoais, e que, embora recebam aporte institucional, não dependem das instituições para existirem - mas se apoiam nas mesmas para se perpetuarem.

De Moraes identifica nove governanças sociais, quais sejam, racial, patriarcal, religiosa, capitalista, da estética-produtiva, sexual, acadêmica-científica/educacional, oficialista e xenofóbica, ufanista, nacionalista. Ao identificarmos

ISSN: 2764-8133

como tais governanças operam em relação às práticas de inscrição corporal - e, em nossa pesquisa, pensamos com maior profundidade nas inscrições praticadas por corpos gênero-dissidentes -, temos em mãos a evidência de que não há desassociação entre a operação das violências e sua institucionalização. Isto justifica uma abordagem anarquista crítica da existência do Estado e de suas instituições, assim como uma abordagem decolonial crítica da modernidade e de suas sequelas. As governanças expressariam, em nossa perspectiva, a união das colonialidades e de violências institucionais. Vejamos seu enlace.

SOBRE AS GOVERNANÇAS COMO COLONIALIDADE E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL

Iniciemos com a governança racial, pois o racismo teria sido o fator que, na perspectiva decolonial, atravessou todas as relações sociais da modernidade. Inscrições corporais não aceitas e marginalizadas são comumente relacionadas a sociedades não ocidentais, assimiladas a primitivismo, inferioridade intelectual ou heresia, categorizadas como patologia, pecado ou crime. Chaney (2017, p. 64, tradução nossa) escreve que “descrições de mutilações não-ocidentais, culturalmente sancionadas eram frequentemente comparadas a atos insanos de automutilação em países ocidentais para implicar a natureza universal de tal comportamento”. E isso afeta o Processo Transexualizador que, desde seu início, embora tenha sido uma conquista fundamental para o movimento de pessoas trans no Brasil, reproduziu práticas de

ISSN: 2764-8133

exclusão comuns a toda iniciativa institucionalizada.
Em 2008, o Processo Transexualizador se instituiu, abrindo suas portas somente para atender 'mulheres trans'. Ou seja, travestis e pessoas transmasculinas e não-binárias não eram reconhecidas como potenciais pacientes do processo, e portanto não poderiam ter acesso pleno à saúde. Fazia-se uma separação entre mulheres trans e travestis, em relação à higienização. É nítido o recorte racial do Processo, que designava como candidatas as 'mulheres trans' que mais se enquadravam em um ideal de corpo normativo - branco, feminino, heterossexual. Somente em 2015 o Processo reconheceu a existência de pessoas transmasculinas e passou a nos atender - com precariedade. Pessoas trans designadas mulheres ao nascimento não eram consideradas aptas a ingressar no Processo. Eis uma expressão da governança sexual, expressa, também, na imposição da heterossexualidade como única orientação sexual possível para os candidatos ao Programa. Ser heterossexual servia como um critério de validação da transexualidade. Há um entrelaçamento entre as governanças racial e sexual.

A generificação de inscrições corporais consideradas mutilações é demonstração da governança patriarcal. Chaney (2017) compreende, ao longo de sua pesquisa sobre os usos do corpo na história ocidental, que certas categorias diagnósticas seriam associadas a corpos designados femininos, e outras a corpos designados masculinos. Em contexto europeu do século XIX, o diagnóstico de histeria seria atribuído a pessoas

ISSN: 2764-8133

designadas mulheres e que praticavam inscrições autolesivas - tais como automutilações - ou inscrições sem objetivo de lesionar o próprio corpo - tais como cortar o cabelo. Ao se automutilarem ou cortarem o próprio cabelo, mulheres ocidentais no século XIX seriam consideradas histéricas. O cabelo simbolizava não somente "[...] ideais de beleza, mas também outros elementos de comportamento 'adequado' na era Vitoriana. [...] Com efeito, cortar o cabelo curto pode até ser classificado como automutilação".

A corpos designados masculinos que praticassem inscrições semelhantes, seriam atribuídas outras categorias diagnósticas.Diagnósticos e discursos patologizantes variam de acordo com marcadores de gênero, tal como observamos na designação da transexualidade em corpos designados mulheres, homens ou intersexo. Se, na Europa do século XIX, a designação de feminilidade implicava em um diagnóstico de histeria, a designação de masculinidade implicada em um diagnóstico de perversão sexual. A categorização diagnóstica é generificada, e se entrelaça com as governanças racial e sexual - não podemos esquecer do racismo científico e da patologização da homossexualidade.

Somente a indivíduos que reforcem o saber biomédico moderno, que recebam respaldo de suas universidades e que tenham algum vínculo institucional é permitido produzir um conhecimento legitimado sobre a transexualidade e inscrições corporais. Eis a expressão da colonialidade do saber e da opressão intelectual, cuja união se manifesta pela governança

ISSN: 2764-8133

acadêmica-científica.
A governança religiosa se exprime pela demonização de corpos trans, de corpos inscritos - "diabo, demônio, coisa ruim, satanás, são os termos mais corriqueiros ao observarmos a abordagem referida a essas práticas" (MELO, 2019, p. 10). A extirpação do corpo inscrito não-normativo significaria, então, a extirpação do demônio. O imaginário diabólico, instigado em torno do igrejismo (DE MORAES, 2019), aponta para um inimigo comum, pois a associação do corpo trans, ou do corpo inscrito, ao diabo já justifica seu extermínio. Evidência de demonização é o caso de 2019, que recebeu repercussão nacional, em que um homem assassinou uma travesti e arrancou seu coração, sob alegação de que a vítima "era um demônio" [sic]. Como argumenta Melo (2017, p. 15), "[...] a categoria do diabo só pode ser inteligível ao se fixar sobre um corpo externo que simbolize a representação que a sociedade faz dele".

Uma das argumentações para legitimar a demonização é a imaculação do corpo: se o deus cristão fez o ser humano - ou melhor, o corponormativo - à sua imagem e semelhança, modificar o corpo seria uma afronta à obra divina. A doutrinação cristã percebe o corpo como "sagrado, portador de atributos divinos, o qual, portanto, não poderia ser maculado" (LARA, 2012, p. 26).

Se inscrições não-normativas são demonizadas e patologizadas, modificações corporais que reforçam os

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 179

postulados de medicina/psiquiatria são institucionalmente reforçadas, tal como observa Machado (2005, p. 264) em sua pesquisa sobre clínicas pediátricas para crianças intersexo:

> As técnicas cirúrgicas são empregadas no sentido de tornar a genitália da criança o mais próximo possível do normal, de acordo com determinados padrões de tamanho, forma, terminação do trajeto urinário (mais na ponta do pênis para os meninos; mais abaixo nas meninas) e uso (construir vaginas "penetráveis" e pênis "que penetrem").

A desobediência da norma é tida como demoníaca, e o reforço da norma é tido como natural. Ou seja, a questão não é o procedimento cirúrgico - pois cirurgias de afirmação de gênero são tão invasivas ao corpo quanto cirurgias realizadas em crianças intersexo -, mas a motivação do procedimento. Há uma moralidade igrejista que a governança religiosa impõe sobre as corporalidades, em aliança com as governanças racial, sexual e patriarcal supracitadas, assim como à governança oficialista, que valoriza o 'cidadão de bem / pai de família'.

A governança oficialista oprime "[...] os rebeldes, revolucionários, contestadores do sistema, não seguidores das leis e insubordinados" (DE MORAES, 2019, p. 19). E isto é nítido ao pensarmos em indivíduos desobedientes da corponormatividade, que recorrem à ilegalidade para se inscreverem autonomamente.

ISSN: 2764-8133

2023
V. 4 // N. 8
pg. 180

A governança xenofóbica, ufanista, nacionalista “alicerça todas as outras, pois se trata da opressão narcisista que só trata daquilo que lhe é familiar” (DE MORAES, 2019, p. 19-20). É a governança responsável por garantir a universalização das identidades modernas e a transformação de norma em natureza. É a imposição da unicidade, invariavelmente eurocentrada e violenta; uma unicidade que se pretende neutra, que nega seu caráter racializado e generificado, que não se reconhece como normativa, mas somente como natural.

As governanças sociais operam em conjunto com as governanças institucionais, quais sejam: governança política, que determina uma dicotomização entre governantes e governados, excluindo dos espaços de circulação de poder os corpos gênero-dissidentes, inscritos, com deficiência, não-normativos; governança econômica, que centraliza as relações sociais na mercadoria, em aliança com as governanças sociais capitalista e estética-produtiva; a governança sociocultural, que mobiliza as grandes mídias e a circulação do saber com seu viés igrejista e universalista; a governança penal, através da qual operam as forças militares; e a governança jurídica, responsável pela elaboração, interpretação e aplicação da lei. Tais governanças justificam e legitimam a naturalização da corponormatividade, abarcando desde a patologização de inscrições corporais até a demonização de corpos trans.

ISSN: 2764-8133

O Estado, segundo Goldman (2007, p. 33), é “o aparelho legislativo e administrativo que trata de certos negócios humanos - e, na maioria das vezes, trata mal”. O mal tratamento dos recursos humanos são as governanças. Na perspectiva dos defensores do Estado, de seus governantes, o aparelho estatal trata bem dos recursos humanos, pois garante que seu objetivo principal seja alcançado, qual seja, sua perpetuação. E sua perpetuação significa a manutenção das governanças, das colonialidades e da naturalização das identidades modernas. O “mal tratamento” do Estado decorre de seu pleno funcionamento.

Percebemos, com isso, que ao recusarmos as inscrições que nos são não somente sugeridas, como forçadas desde o nascimento; ao rejeitarmos a naturalização de tais inscrições e as designarmos enquanto norma; ao apontarmos para a corponormatividade como herança de um processo histórico colonial, violento e moderno, recebemos, como resposta, patologização, criminalização e demonização, e tais respostas nos são direcionadas por governanças sociais e institucionais, isto é, pelo enlace intrínseco entre colonialidades e institucionalização.

ISSN: 2764-8133

CONCLUSÃO

A hipótese que motivou este ensaio é a seguinte: o saber moderno produz patologização, criminalização e demonização, de modo a inferiorizar e marginalizar corpos não-normativos; é um saber que se pretende natural, mas que parte de uma normatividade inventada, direcionada por objetivos específicos, tal como observado pelas governanças estética-produtiva e capitalista. Utilizamos, como referencial teórico, autores anarquistas, decoloniais e adeptos de práticas de inscrição corporal. Os autores deste ensaio, estes que aqui vos escrevem, se enquadram nestes três campos.

Apresentamos evidências desta tríplice institucional - patologia, crime e pecado - para comprovar nossa hipótese, no que diz respeito a formas variadas de inscrever o corpo. Denunciamos, com isso, o enlace entre a generificação dos corpos e a tutela médica; entre as governanças sociais e institucionais, a colonialidade do saber e a opressão intelectual. Compreendemos que a emancipação social de corpos não-normativos somente pode ser vislumbrada se defendermos a destruição daquilo que originalmente se instaurou para suprimir nossas liberdades: o Estado e suas instituições, o eurocentrismo, o saber moderno institucionalizado, e a naturalização das identidades modernas.

ISSN: 2764-8133

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKUNIN, Mikhail. Conceito de Liberdade. Porto, Edições RÉS limitada, 1975.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo. (Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Campinas, SP: [s. n.], 2006.

CHANEY, Sarah. Psyche on the Skin: a history of self-harm. London: Reaktion Books LTD, 2017.

DE MORAES, Wallace. Governados por quem? História das plutocracias no Brasil. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.

FEATHERSTONE, Mike. Body Modification: An Introduction. Body & Society, v. 5, n. 1, 1999.

GOLDMAN, Emma. O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo, Editora Hedra, 2007.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

LARA, Mariana Alves. O direito à liberdade de uso e (auto)manipulação do corpo. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, Belo Horizonte, 2012.

LARRAT, Shannon. Modcon: The Secret World of Extreme Body Modification. Canada: BMEbooks, 2008.

MACHADO, P. S. O sexo dos anjos: Um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. Cadernos Pagu, n. 24, 2005.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MELLO, Anahi G.; NUERNBERG, Adriano H. CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA DA DEFICIÊNCIA: ALGUMAS NOTAS DE CAMPO. III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES. Universidade do Estado da Bahia, Salvador (BA), 2013.

MELO, Cristiane Vilma de. “Bod Mod e Bod Med”: uma reflexão sobre como xs agentes da body modification entender as tentativas de criminalização de suas práticas. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2019.

MELO, Cristiane Vilma de. Com o diabo na pele: a associação entre a body modification e a imagem do diabo. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de São Carlos – Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, São Carlos, 2017.

NEVES, Benjamin Braga de Almeida. Transmasculinidades no ambiente escolar: laicidades e resistências. In.: RODRIGUES, Alexsandro; MONZELI, Gustavo; FERREIRA, Sérgio R. da S. A política no corpo: gêneros e sexualidade em disputa. Vitória: EDUFES, 2016.

PRECIADO, P. B. Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SPRAGE, Erik. Once More Through the Modified Looking Glass. 2ª ed. 2009.

BRUNO LATINI PFEIL

Mestrando em Filosofia (PPGF/UFRJ). Graduado em Psicologia (USU/RJ). Graduando em Antropologia (UFF). Pós-graduando em Psicanálise e Relações de Gênero: Ética, Clínica e Política (FAUSP). Membro do conselho editorial da Revista Estudos Transviades. Membro do Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias (PPGF/UFRJ).

Professor Substituto do Departamento de Ciência Política da UFRJ. Doutorando e Mestre em Filosofia (PPGF/UFRJ). Especialista em Teoria Psicanalítica Freud-Lacaniana (CEPCOP/USU). Pesquisador do CPDEL/UFRJ. Coordenador da Revista Estudos Transviades.

CELLO LATINI PFEIL

REVISTA ESTUDOS
TRANSVIADES
2023
V. 4 // N. 8
pg. 186
ESTUDOS
TRANS
VIADES
ESTUDOS
ISSN: 2764-8133